

- Mas a estrada que ia para o Parque era antiga ainda? A estrada velha...

- Era onde é o Colégio Agrícola. Por aí ainda era a estrada.

- Na industrial Madeireira o sr. trabalhou em quê?

- Negócio de madeira, carregava embarcação de tábuas.

- As tábuas eram carregadas no ombro, também tinham toras...

- Ah, sim, mesmo no ombro, no depósito tinha uma canaleta que ia até no barco, então soltava a madeira e ia cair no barco e daí começava a condizionar, empilhar as madeiras.

- Nas chamadas chatas? E de lá ia para Argentina, Buenos Aires?

- É. E isso aí era o serviço. Quando não tinha chata, era classificar madeiras. Empacotar.

- Eram da região aqui mesmo as madeiras? Ou vinham de Cascavel?

- As madeiras vinham de perto de Cascavel, tinha a central, o nome da firma, ali eles beneficiavam e vinham para cá.

- O sr. falou que é filho de um paraguaio com uma brasileira e nasceu em 1916 em Foz do Iguaçu. O sr. conseguiu estudar naquela época?

- Aí... Eu estudei sim, acho que até a quarta série. Foi difícil, a professora morava numa picada muito longe de casa. Não tinha nada, era uma picada que ia daqui até uma estrada, que a gente seguia a pé ou a cavalo. E agora até tive problema para comprovar meus

estudos para conseguir um aumento na minha aposentadoria. O pessoal (da Prefeitura) disse que o livro que registrava meus estudos não existia mais. Eu até voltei a estudar, mas depois consegui o aumento.

- O sr. falou que morava bem retirado. Aonde era?

- Era perto do Porto Belo, na costa do rio Paraná. Nós tínhamos nossa chácara. Me criei lá.

- A maioria do pessoal que vivia aqui em Foz era paraguaio? E só falavam guarani ou espanhol?

- É, falavam, depois mais para os anos 40 que o pessoal começou a falar mais o brasileiro (português).

- Quando o senhor começou a trabalhar, em que idade?

- Depois que eu tive mais de 17 anos eu saí para cá, para trabalhar, nem serviço havia quase.

- Que tipo de serviço tinha?

- Se não era na Prefeitura era trabalhar de fazer roça para outros, agricultores, colher milho, feijão.

- Depois o sr. trabalhou na madeireira (Industrial Madeireira do Paraná), depois na BR, no Parque e na Prefeitura?

- Na BR primeiro, depois no Parque, na madeireira, depois na Prefeitura.

- O sr. gostava de pescar, caçar, tinha muito bicho, peixe?

- Bicho do mato. Por aqui tinha muita onça, aqui uma vez mataram uma onça no trevo

aqui por perto. Era tudo mato, chácara. Me lembro que uma ocasião o pessoal matou uma onça. Porco do mato, saía em bando na estrada.

- Como era a relação dos paraguaios na cidade? O pessoal se dava bem?

- Sim, se dava bem.

- Era tudo meio amigo? O que não era parente era amigo?

- Amigo, assim, parente... Poucas vezes saía um desentendimento em um baile, sabe como é, até hoje isso é assim.

- Então o sr. resolveu ficar mais em casa, em que função se aposentou?

- Como chefe de capataz.

- A figura de capataz era bastante marcante, o senhor disse que foi trabalhar em Guaíra?

- Trabalhava mais para cá para cima, naqueles matos para lá da Itaipu. Trabalhava com madeira, fazia jangadas para transportar para Argentina. Isso ainda nos 20 e 30.

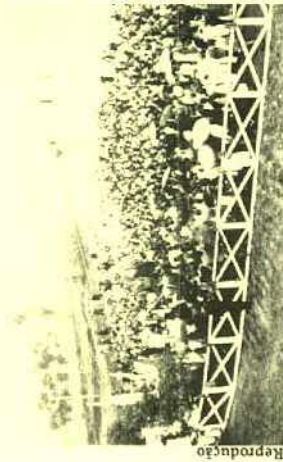
- Como ficou a chácara onde o senhor nasceu? Foi vendida?

- Naquela época ninguém queria, não tinha valor. Vendi porque não tinha valor, veio a Itaipu e queria indenizar... Aí eu vendi, mas fiz o que não devia fazer.

- O sr. ainda fala o guarani?

- Eu falo, entendo o guarani.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Comemoração do Dia da Independência na Companhia Independente de Fronteira, em Foz



Reprodução

Companhia Independente da Fronteira perfila na comemoração do Dia da Independência

(Entrevista inédita, maio 1997)



Idalino Favassa

*"A gente que tinha onde costurar só com a luz do lampião.
Isso estragou muito a saúde da gente."*

Idalino Favassa veio para Foz em 1941 fugindo da miséria. Casado há 58 anos com Precedina, nasceu em 21 de julho de 1916 na cidade de Pedras Grandes - SC. Em Foz, ganhou o título de cidadão honorário em 1987 e foi fundador da Sociedade Espírita "Os Mensageiros". Aos 81 anos, o ex-alfaiate Favassa ainda mantém uma vida ativa. Atualmente é presidente do Oeste Paraná Clube. (Mônica Venson)

- Por que o senhor e sua família vieram para Foz?

- A situação estava muito difícil em Concórdia - Santa Catarina. Aí a gente encheu a carroceria de um caminhão e viemos para cá. O que trouxe a gente foi a miséria.

- Quando vocês chegaram conseguiram trabalho aonde?

- Na olaria. Onde é o Parque Nacional, hoje. Três quilômetros antes de chegar nas Cataratas ficava a Olaria Dolabela. Na olaria trabalhava eu, meu pai, o Angelin, meu irmão e o Eugênio (Venson). Meu pai tinha vindo um pouco antes, mas eu, o Angelin e o Eugênio viemos juntos.

- Trabalharam muito tempo na Olaria?

- Eu fiquei mais tempo. Meu pai eles mandaram embora, e meu irmão, o Angelin, também eles dispensaram. Como eu era casado, me seguraram. E eu então vim a pé lá da bananeira. São 10 quilômetros, até o escritório. Quando cheguei eu pedi a conta. Aí eles disseram que eu não tinha sido dispensado. Mas eu falei que eles tinham mandado meu irmão embora, e como a gente tinha vindo junto, eu não ia ficar trabalhando na olaria. Aí eu fui embora.

- Então foi aí que vocês montaram a alfaiataria?

- Bom, ainda não. Como a gente queria fazer tudo direitinho fomos na Prefeitura tirar a autorização. Aí eles pediram o certificado de reservista, e nem eu nem o Angelin nunca tínhamos servido o exército.

Nós nunca ligamos para isso. Tinha um tenente lá, na Prefeitura, que nos ajudou.

- Como?

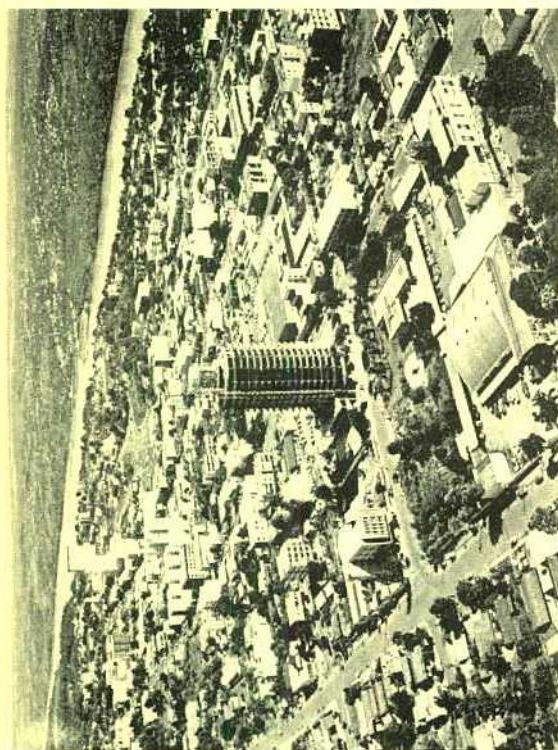
- Ele ajudou a mim e a Precedina tirarmos a certidão de casamento, aí depois eu me apresentei no quartel. O Angelin teve que servir como submisso. Eu já não fiz a papelada aqui, como o exame médico e tudo. Ainda assim tive que ir para Curitiba. Essa viagem foi uma história. Chegando lá, na certidão do alistamento não tinha a data, aí o papel teve que voltar para cá por causa do dia em que eu me apresentei. Isso demorou 16 dias. Nesse tempo eu fiquei em Curitiba. Quando os papéis ficaram prontos e fui fazer o exame médico, ele me dispensou, disse que eu não servia para ficar no Exército. Aí nessa história toda o dinheiro foi se acabando, então eu voltei para Santa Catarina.

- Então o senhor voltou para Concórdia?

- É, voltei, mas lá também não deu muito certo. Era um lugar onde a gente ficava muito doente. A gente trabalhava dia e noite e gastava tudo com saúde. Então a gente voltou para Foz.

- Quando chegaram aqui vieram trabalhar com o quê?

- Nós chegamos aqui e não conseguimos lugar para ficar, então fomos parar na chácara da família Maran até a gente conseguir comprar o terreno.



Joel Petroski

Vistas aéreas da região central de Foz do Iguaçu. Na foto acima, o setor norte. Na foto abaixo, o setor sul.

Retratos

Foz do Iguaçu



Joel Petroski

de primeira. Tem gente que eu encontro na rua e diz que tem terno meu guardado até hoje em perfeitas condições.

- O senhor e seu irmão trabalhavam sozinhos?

- Logo no começo, sim. Depois quando o serviço aumentou, agente sempre tinha duas pessoas ajudando serviço.

- Como era o trabalho? A máquina era de pedal, não é?

- Não era fácil, principalmente na época em que não tinha luz. A gente tinha que costurar só com a luz do lampião. Isso estragou muito a saúde da gente. Mas a gente não pode se render às dificuldades, não é?

- O senhor é presidente do Oeste Paraná Clube.

- É, até o ano que vem eu fico na presidência. Houve uma época em que o Oeste estava muito mal financeiramente, aí numa reunião eu me ofereci para ajudar. Quando perguntaram o que eu queria fazer, pedi para ficar na portaria cuidando de quem entrava nos bailes. Nunca deixei ninguém entrar sem pagar. O clube melhorou.

(Entrevista inédita, maio 1997)

- Aí conseguiu montar a alfaiataria?

- É, aí conseguimos abrir a alfaiataria.

- Foi a primeira alfaiataria da cidade?

- Quando a gente foi tirar a papelada para abrir, na primeira vez, tinha já um polonês que era alfaiate. Mas aí quando nós voltamos ele já tinha ido embora.

- Tinha bastante serviço de alfaiataria?

- Sim, tinha muito...

- Quem eram seus clientes?

- A gente conhecia muitas famílias e também tinha muita freguesia que vinha de Cascavel, Guaíra. Tinha um freguês que encomendou um fraque para o casamento dele. Aí ele pegou o barco que saía de Guaíra e veio para casa, a gente fez o fraque dele em uma semana, porque ele tinha que pegar o mesmo barco quando ele voltasse da Argentina e subisse o rio Paraná. Isso porque a gente tinha um pensamento que o terno é que ficava esperando o freguês. Nunca deixamos um freguês esperar pela roupa.

- E onde vocês compravam os tecidos e os aviamentos?

- Eu sempre trabalhei com tecidos bons, coisa



Áurea Cunha

Ilka Agripina Vera

“Divertimento? Havia o Clube do Cristiano Weirich. Nós íamos dar uma espiada de vez em quando. Cinema aparecia quando alguém vinha de fora com projetor”

- Como começa a história da professora Ilka Vera?

- Começa pelo batismo, pelo nome. Na época em que nasci, todos os anos vinha um padre por ocasião da festa do padroeiro da cidade, São João Batista. Eu nasci na véspera da festa de São João e fui batizada no dia seguinte ao meu nascimento, com o nome de Ilka Agripina Vera. Quando depois veio o escrivão fazer registro de nascimento fui registrada como Agripina Vera, mas seria sempre conhecida por Ilka Vera.

Pioneirismo em Foz do Iguaçu se encontra na família Vera, de origem argentina e paraguaia. Pioneirismo na educação, entre outros campos, em que merece destaque a missão cumprida pela professora Ilka Agripina Vera, que primeiro inaugurou escola como aluna e depois como professora. Aqui ela conta da família, do nascimento, desenvolvimento e decadência do ensino na cidade.

(Juvêncio Mazzarollo)

cidade?

- Havia o Weirich Clube, ou Clube Alemão, do Cristiano Weirich, onde hoje está a Casa Flórida. Nós meninas e moças às vezes íamos dar uma espiada. Cinema aparecia de vez em quando. Alguém vinha de fora com projetor e alguns filminhos exibidos em tela ao ar livre. Os primeiros eram de imagens paradas, tipo “slide”. Depois surgiu o Cine Progresso e, mais tarde, o Cine Star, em 1952, e o Cine Iguaçu (Salvati), em 1972.

- E para estudar que oportunidade havia?

- Minha primeira professora foi uma negra, Idália, esposa de um sargento. Ela montou uma escolinha particular. Quando comecei ir à escola era a única menina da turma. Fiquei apenas alguns dias. Certo dia, um menino mexeu num vespertino numa traquinagem para que alguém fosse picado. A professora mandou que eu aplicasse a palmatória no menino, aplicasse não sei quantos “bolos”, como se dizia. Eu me recusei, então a própria professora aplicou a palmatória. O menino ficou com as mãos roxas, e eu fiquei apavorada. Fui para casa e disse a meu pai que não iria mais à escola porque a professora era uma louca. E era ruim como professora também porque só exigia decoreba, a começar pela tabuada.

- Aprendeu a ler e escrever como, então?

- Passei a aprender em casa, com um tio. Não havia escola. Na década de 20 os padres começaram a dar aulas, inicialmente embaixo de árvores

- Qual a origem da família Vera, dos seus pais?

- Meu pai, Diego Ignacio Vera, veio da Argentina logo após ter feito o serviço militar. Veio numa embarcação que fazia o trajeto Posadas-Porto Mendes, em busca de erva-mate. Foi convidado por Jorge Schimmelpfeng a vir morar em Foz do Iguaçu e topou. Minha mãe ele conheceu ainda menina em Posadas. A origem dela é paraguaia. Está hoje com 94 anos. Por coincidência, ela também veio viver em Foz do Iguaçu. Aqui se reencontraram e casaram, tiveram 8 filhos. Meu pai faleceu em 1977.

- O que veio fazer seu pai em Foz do Iguaçu?

- Era maquinista do primeiro gerador de eletricidade instalado aqui, movido a lenha. Foi o primeiro electricista da cidade. Em sua homenagem há uma rua com o nome dele no bairro Jardim São Paulo.

- Na sua infância e juventude, o que agitava a vida social da

ao lado da Casa Paroquial. Só em 1928 foi aberta a Escola Bartolomeu Mitre, naquele prédio que ainda existe, em frente à Praça Getúlio Vargas, ao lado do Correio. Eu entrei no segundo ano primário e fiz parte da primeira turma de formandos da Escola, que era do Estado. Minha professora foi Otília Schimmelpfeng.

- Teve oportunidade de cursar a escola normal, ou magistério, como se chama hoje?

- Não, embora tivesse loucura por estudar. Certa ocasião fui convidada por uma família amiga a ir a Curitiba estudar, mas meu pai não deixou. No governo de Manoel Ribas fui nomeada professora junto com outras seis, mas só uma assumiu. Eu não assumi porque fui designada para Santa Helena, que pertencia a Foz do Iguaçu. Isso foi lá por 1939/40. Fui então trabalhar com a empresa Dolabela, que fazia obras no Parque Nacional (Usina São João, Museu do Parque). Comecei trabalhando num armazém que atendia os funcionários da empresa. Durante a construção da usina São João morei vários anos no Parque Nacional. E durante a II Guerra Mundial me inscrevi num curso para voluntários que queriam ir à Guerra, porque eu era louca por enfermagem. Mas nem cheguei a fazer o curso.

- Quando e como, então, começou a carreira de professora?

- Comecei na escolinha do Parque Nacional, que atendia os filhos dos que trabalhavam na Usina São João. Eu morava com a professora Inocência. Ela faltava muito, então eu a substituí, até que os alunos pediram o afastamento dela para que eu assumisse a

- É verdade que as provas dos exames finais vinham prontas de Curitiba?

- É verdade. E vinha banca examinadora de Curitiba aplicar as provas. No dia do exame, a professora fazia a chamada dos alunos e se retirava. A banca examinadora corrigia as provas e dava nota. Eu conseguia quase sempre cem por cento de aprovação dos alunos. Não havia como eles passarem sem saber naquela forma de exame.

- O que a senhora fazia que as outras professoras não faziam para ter cem por cento de alunos aprovados?

- O principal segredo do sucesso do professor é ele cativar os alunos. Não pode ser muito exigente, obrigar a criança a ter livrinho e caderninho todo enfeitadinho. Para mim, a natureza fornece todos os elementos para qualquer aula. Com uma pedrinha ou folhinha de árvore eu desenvolvia todo tipo de aula. Acho que Deus me deu dom. Eu chegava a chorar de emoção quando via os alunos lendo e escrevendo. Até levava alunos para almoçar em casa. Era chamada de José de Anchieta, porque os piores alunos eram jogados na minha sala e eu dava conta.

- Nunca expulsou algum bagunceiro da sala de aula?

- Certa vez, eu dava aula no auditório do Colégio Monsenhor Guilherme, a uma turma muito grande. Um aluno começou a jogar papel, bagunçar. Repreendi três vezes e ele não obedeceu, então o mandei para fora. A turma ficou assustada, porque ninguém me havia visto agindo assim. Depois fiquei assustada comigo mesma. Fiquei arrasada com minha atitude. Fui me informar e fiquei sabendo que aquele aluno estava num

momento difícil. O pai dele havia se separado da mulher, por isso o menino estava revoltado. Ele veio me pedir desculpas e passou a ser um dos melhores alunos.

- Lecionou até quando?

- Até 1989, com 42 anos de magistério.

- Aposentou-se ganhando uma fortuna... Ah, sim!

- Também nunca foi propriamente por salário que a senhora, pelo visto, ensinou durante 42 anos.

- É verdade. Mais do que o salário, o que me dava alegria era o reconhecimento e a gratidão dos alunos, das diretoras e colegas. Ganhava muitos presentes, muitos dos quais guardo até hoje. O reconhecimento e a estima eram para mim o melhor pagamento.

- Entre seus ex-alunos há algum de quem a senhora diz com orgulho que foi professora dele?

- Não há ninguém em particular, mas são muitos os médicos, engenheiros, advogados bem sucedidos na vida que começaram a aprender comigo as primeiras letras.



Áurea Cunha

Irena Kosievitch, depois de 23 dias viajando de carroça, chegou com seus pais e 11 irmãos, em 1927. Filha de

Carlos e Frida Ramaier, nasceu em Não me Toque - RS e se casou em 1934 com

Alexandre Kosievitch, descendente de alemão que, também em busca de uma vida melhor, veio trabalhar como serralheiro na cidade.

Até hoje, Irena e seus quatro filhos moram em Foz.

(Mônica Venson)

Irena Kosievitch

“Não tinha nada. Era tudo mato...Tinha muita árvore aqui. Também tinha muito veado, tinha passarinho. Tudo quanto é animal correndo pela mata”

- Por que vieram para Foz?

- Nós estávamos em Cruz Machado, perto de Porto União. Lá a terra era muito ruim para plantar, não dava. Então nós viemos de carroça, nós não conhecíamos nada aqui, viemos cegos para cá.

- Vieram sem saber o que iam encontrar?

- Só nos disseram que tinha muita laranja. Meu pai tinha 12 filhos, nove mulheres e três homens. Já faleceram três homens e três mulheres. Hoje ainda tem seis, todas viúvas. Viemos em 15 pessoas, em duas carroças.

- Como era Foz quando vocês chegaram?

- Não tinha nada, tinha só um carro táxi Ford, manivela na frente velho que levava a gente, do marido da dona Otília Friederich.

- Vocês vieram para trabalhar na terra?

- É, e depois de um tempo aqui, meu pai quis ir para Argentina, nós tínhamos parentes lá, mas o Jorge Schimmelpfeng, que era prefeito, não deixou a gente ir, porque aqui não tinha nenhum colono e como nós éramos os únicos, ele não deixou a gente ir.

- Então, vocês sempre trabalharam na terra?

- Eu casei e continuei trabalhando na roça. Hoje onde é o Parque Ouro Verde, tudo isso era nosso. Primeiro nós compramos um terreno perto do Hotel Bourbon, mas lá não tinha água. Naquela época quando

nós compramos o terreno só pagamos a transferência, aqui não tinha valor o terreno. Não tinha nada. Era tudo mato...Tinha muita árvore aqui. Também tinha muito veado, tinha passarinho. Tudo quanto é animal correndo pela mata.

- O que era plantado na terra?

- Geralmente mandioca e milho. Eu arava a terra com dois bois, trabalhava igual a um homem.

- Como era o trabalho?

- Era difícil. No começo, a gente veio com pouco dinheiro, então compramos mandioca a fiado e até a gente colher, o dinheiro foi acabando, e como tinha um alemão que tinha olaria aqui perto, eu e meu irmão fomos trabalhar lá. Meu irmão tinha quinze anos e como ele trabalhava bastante, o dono da olaria disse para o meu pai que era para ele não falar nada para ninguém porque ele ia pagar para o meu irmão o mesmo que pagava para um adulto.

- As mulheres trabalharam na Olaria também?

- Sim, eu, a Ervina Otremba, a Rosa Ramaier e a Ella, a minha mãe ficava em casa fazendo comida. A gente trabalhava, puxando e empilhando tijolo verde.

- E na época da guerra, como foi? Vocês são descendentes de alemães, não é?

- É, minha mãe é alemã e meu pai é filho de alemães. Na época da guerra, teve muita gente que foi embora, até minha irmã, a Ervina Otremba. O marido dela era alemão e eles tiveram que ir para Guarapuava. Venderam tudo o que tinham bem barato e foram embora. Venderam a casa, galinha, porco, tudo para o Batalhão, já que não tinha para quem vender, e foram embora. A gente nem podia falar alemão aqui.

- Como a senhora conheceu seu marido?

- Ele trabalhava numa serraria. Ele conheceu meu irmão, aí nós nos conhecemos. Eu era bastante namoradeira, era meio chata também. Naquele tempo namoro era diferente, eu só fui sentar perto dele depois do noivado, quando meus pais foram dormir. Aí eu sentei perto dele na mesa de jogar baralho.

- Vocês também tiveram uma Serraria?

- Meu pai teve uma serraria. Quando eu casei, ele (Alexandre Kosievitch) foi trabalhar na serraria do meu pai. Eu, meu marido e dois irmãos trabalhávamos na serraria. Meu pai foi morar outra vez na chácara perto do Bourbon, mas depois quando meus irmãos casaram nós vendemos.

- E quando a Serraria fechou, o que vocês fizeram?

- Um ano e pouco depois que meu primeiro filho nasceu nós viemos morar aqui (no terreno onde moramos até hoje, perto do Colégio Agrícola). Fizemos uma casinha de três por três e depois um pouco maior, e as coisas foram crescendo.

- Vocês voltaram a trabalhar na roça?

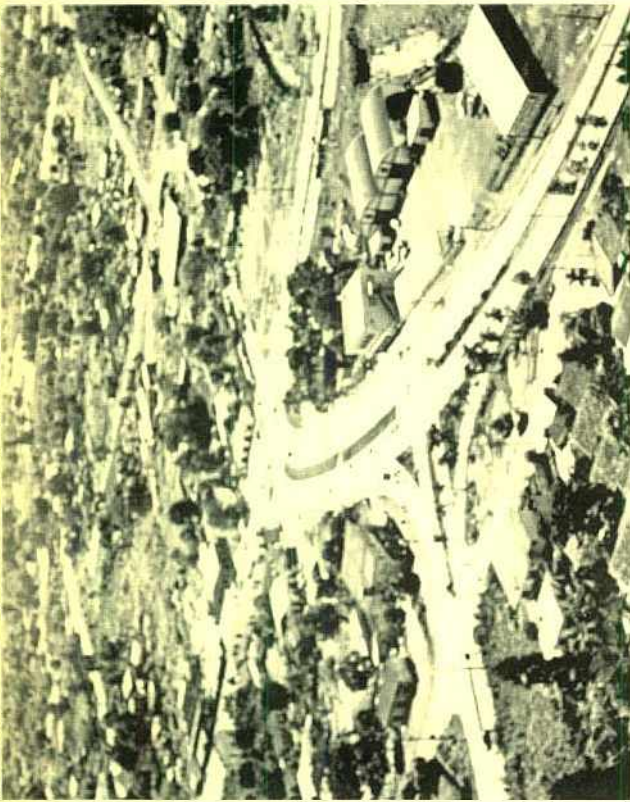
- É, aí compramos o Ouro Verde. Esse custou muito dinheiro. A gente pagava por mês. Cinco contos de réis por mês, até completar 30 contos. Quando a gente comprou, toda essa região não tinha nada. Veja só o que é hoje.

- Continuaram a plantar milho e mandioca?

- É, a gente plantava pepino também, e outras verduras. Tínhamos uma vaca leiteira. Meu irmão saía vendendo o leite de carroça nas casas. E as verduras a gente vendia para o Batalhão. Teve um dia que ficamos a manhã inteira colhendo pepino e depois de encher uma carroça meu marido foi vender no Batalhão. Eles pagavam pouco, mas sempre compravam tudo, não dava para vender um pouquinho aqui, outro ali. A gente vendia mais barato, mas vendia tudo.

- E para a Argentina e o Paraguai, a senhora ia muito para lá?

- Para Argentina a gente ia mais para fazer compras. Era muito mais barato que aqui. Para vender, só na época em que a gente plantou tomate. Ele ia até a barranca do rio de bicicleta e depois atravessava de canoa. Eu fazia saquinhos de pano de um quilo de tomate para ele vender lá.



Bairro Boicy em 1982

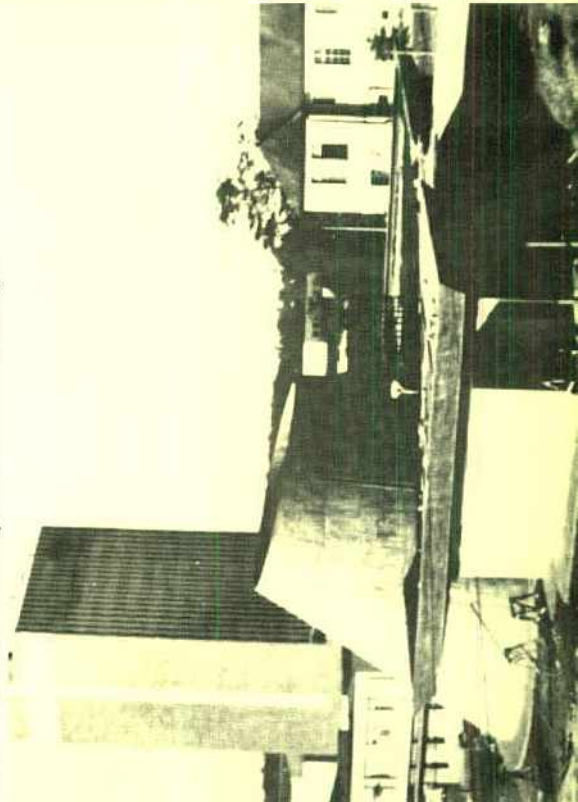
Joel Petroski

Retratos

Foz do Iguaçu

Sede da Câmara Municipal, ainda em construção

Joel Petroski



(Entrevista inédita, maio 1997)



Ney de Souza

Irineu Basso

“Durante a Guerra os estrangeiros eram proibidos de permanecer na fronteira. Meu pai, italiano, tinha que ir embora. Recebeu, porém, autorização para ficar”

Desde 1938, quando aqui plantou raízes, a família Basso faz história em Foz do Iguaçu. Nos ramos da gastronomia, hotelaria, esporte e cinema está sua marca, lugar cativo na galeria dos destaques empresariais, sociais e culturais do município (e em número de amigos também), como revela nesta entrevista Irineu Basso, nascido em 1942, hoje hoteleiro na cidade.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Qual é a origem da família Basso estabelecida em Foz do Iguaçu?

- A origem é italiana, da região de Vêneto, onde meu pai Pedro, ou Pietro, nasceu em 1908. Meus pais eram agricultores e tiveram suas terras devastadas durante a I Guerra Mundial, por isso migraram para a América em 1921. Minha mãe também veio da Itália. A família veio trabalhar em cafezais em São José do Rio Preto, SP.

- Mas como seu pai, Pedro, ou Pietro Basso, chegou até Foz do Iguaçu e aqui se estabeleceu?

- Em 1929, meu pai resolveu fazer sua vida independente e arriscou-se pelo Paraná. Foi a Santa Helena trabalhar na Companhia Colonizadora Espéria. A namorada dele, Assumpta Gallo, minha mãe, morava em Presidente Prudente, SP. Em 1933, meu pai achou que tinha condições e foi a São Paulo casar. Em Santa Helena tiveram o primeiro filho, Vitorio. E em 1938 a família se mudou para Foz do Iguaçu com a intenção de aqui criar raízes. Aqui eu nasci, aqui estou e aqui vou ficar até o fim.

- Seu pai veio fazer o que em Foz do Iguaçu?

- Veio se estabelecer com comércio. Começou com um armazém, depois teve hotel, cinema e outras atividades.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os estrangeiros eram proibidos de permanecer na fronteira. Meu pai, sendo italiano, tinha que ir embora de Foz do Iguaçu. Recebeu, porém, autorização do Exército

para permanecer, porque as autoridades utilizavam muito seu hotel e restaurante. Enquanto parentes nossos e outros estrangeiros tiveram que se mudar para Guaruapuava e outros lugares, nossa família pôde ficar em Foz do Iguaçu. Anos depois meu pai fechou o hotel e ficou só com a mercearia. Depois instalou o Cine Star, o segundo da cidade - o primeiro foi do Paulo Schwartz.

- Conta a história do Cine Star. Começou a funcionar quando e como?

- Foi inaugurado em 1952. Os filmes vinham de Curitiba, em ônibus. Quando chovia muito os filmes não vinham, então tínhamos que repetir exhibições do mesmo filme dias e dias. O Cine Star tinha cerca de 70 lugares - uma enormidade para a época. Nas sessões estava sempre lotado. Os projetores eram franceses. Meu pai construiu o Cine Star em sociedade com Augusto Araújo, que veio para cá com a Companhia Dola Bela, que construiu o Hotel da Cataratas. Depois meu pai comprou a parte dele. Tínhamos gerador próprio para quando faltasse luz.

- Qual era a programação de filmes no começo?

- Lembro do primeiro filme exibido - “A Rainha do Nilo”. Foi um acontecimento na cidade, uma loucura. Às quartas-feiras e sábados à tarde as sessões eram especiais para os militares do Exército. Dona Otília Schimmelpfeng, durante mais de vinte anos, não perdeu um só filme. Tinha cadeira cativa no Cine Star. Depois o Cine ficou com meu irmão Vitorio, que o fechou no final da década de 70, quando já

havia o Cine Iguazu e a televisão foi tirando o público do cinema.

- Enquanto o Cine Salvatti exibia filmes mais sofisticados, o Cine Star exibia filmes populares e enchia o salão, não?

- É verdade. Filmes de Mazzaropi, Teixeira, Tonico e Tinoco lotavam o cinema dias e dias. Nos fins de semana o Cine Star era como que o centro da cidade, o ponto de encontro das pessoas. Nas décadas de 50 e 60, depois do futebol, o cinema era o lazer principal da cidade.

- Seu pai se dedicou muito ao esporte. Pedro Basso, inclusive, é o nome do principal estádio de futebol da cidade, o do Flamengo. E o senhor também tem toda uma vida dedicada ao esporte...

- Eu nasci e me criei dentro do esporte, junto com meu pai, que fundou o Flamengo Esporte Clube em 1954. Tanto ele como eu presidimos muitas vezes o Flamengo. Eu presidi o Flamengo por mais de vinte anos.

- O senhor foi também jogador?

- Fui. Jogava na defesa e sempre queria vencer de qualquer jeito. Meu jogo não era muito técnico. Era na base do vigor físico. Quando deixei de jogar, quando o Flamengo entrava em campo, eu, como dirigente, não conhecia mais ninguém, ficava louco, tanto que um médico tinha que ficar ao meu lado porque podia me dar um baque.

- Que outra atuação teve no mundo dos esportes de Foz do Iguazu?

- Particpei da fundação da Liga Iguazuense de Futebol. Foz antes pertencia à Liga de Medianeira. Durante esse processo descobri

um dado curioso. Quem muito nos ajudou a fundar a Liga Iguazuense foi Ferdinando Felice Pagot, de Medianeira. Nisso descobri que o pai dele havia vindo da Itália junto com meu pai, no mesmo navio, e os dois tinham morado em São José do Rio Preto. Os dois vieram morar no Oeste do Paraná sem que um soubesse nada do outro. Foi uma surpresa para mim e para o Pagot esse novo cruzamento. Meu pai teria adorado um reencontro com o Pagot, mas já havia morrido. Meu pai morreu de doença de chagas em 1961, e minha mãe morreu em 1992.

- Voltando ao esporte, o Flamengo construiu respeitável patrimônio - estádio de futebol, kartódromo e outros equipamentos. Como conseguiu tudo isso?

- Conseguimos a partir do início da década de 70, quando Tércio Albuquerque assumiu interinamente a Prefeitura e doou a área. Nós, com o apoio dos desportistas, construímos o estádio. O presidente do Flamengo era Vitório Basso, que, por sinal, nunca foi torcedor do Flamengo, em homenagem e respeito ao pai. Vitório era torcedor do ABC, arqui-rival do Flamengo.

- Como nasceu o Flamengo de Foz do Iguazu? O grande desportista de todos conhecido por Kid Chocolate tem muito a ver com a história do Clube, não?

- Realmente, ele merece destaque. Kid Chocolate veio a Foz do Iguazu trabalhar na Marinha, em 1952. Era boxeador. O Flamengo surgiu do "84 Boxing Club", uma academia de box onde Kid atuava. Aí surgiu a ideia do clube de futebol Flamengo, onde

Kid Chocolate batalhava desde então. O esporte de Foz deve muito a ele. E outros nomes que sempre devem ser lembrados pelo Flamengo são Antônio Machado, o dentista Renato Gonçalves, Ernesto Grignat, Edgar Fiala...

- Quais as maiores glórias, os maiores feitos do Flamengo?

- Nosso maior feito foi sobreviver na época em que não tínhamos estádio e os clubes adversários não emprestavam seus campos para treinos. Nosso maior rival era o ABC. Mesmo assim vencemos vários campeonatos municipais. Participamos de algumas edições da Taça Paraná, campeonato amador do Estado, mas nunca fomos campeões porque esse torneio envolvia vários fatores extra-campo. Eu mesmo, por exemplo, cansei de receber telefonemas de juizes de futebol pedindo quanto pagaria para ganhar o jogo. A ganhar desse jeito, sempre preferi perder.

- Além do futebol, que outros esportes tinham expressão na cidade?

- O basquete, por exemplo. Havia jogos de basquete em que o marcador chegava a cem pontos. Agora, jogos de basquete não vão além dos 20 ou 30 pontos.

Naquele tempo era diferente, tudo era feito com mais entusiasmo e amor à camisa. A Marinha, o Banco do Brasil traziam funcionários do Rio de Janeiro só para formar boas equipes. Hoje os atletas parecem pensar só no que vão ganhar ou na fama que podem conseguir, mas não se empenham para conseguir o sucesso pela competência.

- Não tem alguma história de quebra-quebra, de pauleiras acontecidas em

jogos de futebol?

- A pauleira mais séria que enfrentamos aconteceu na localidade de Agrocafeira, pouco adiante de Matelândia, há uns doze anos. Foi pelo que aconteceu lá, aliás, que me despedi do futebol. Era um jogo pelo campeonato da Liga de Medianeira. O nosso Flamengo estava ganhando o jogo por seis a zero. Aí chegou um caminhão cheio de torcedores do time de lá, todos armados com facas, facões e espetos de churrasco, e começou o quebra-quebra. Meu Deus! Saí de lá com dezenas de cortes por todo o corpo, principalmente na cabeça. Eu tinha três relógios no pulso, um meu e os outros de jogadores. Perdi os três. Foi uma verdadeira guerra. Vi a morte na frente. Era espeto, faca e facão estrilando por todos os lados. Cheguei em casa, esfiei a cabeça, chamei meu filho e disse: olha, para mim chega de futebol. Há muito tempo não passo um domingo em casa por causa do futebol. Então agora, depois dessa, futebol nunca mais. E de fato nunca mais participei.



O gaúcho Januário Machado Portinho chegou a Foz do Iguaçu em setembro de 1949 para trabalhar na Industrial Madeireira do Paraná. Portinho vivenciou o chamado ciclo da madeira (de 1948 a 68) - o segundo ciclo econômico de Foz. Natural de São Luiz Gonzaga, nascido em 1/8/25, casou com Lilita da Fontoura

Portinho e tem dois filhos (Paulo e Leila).

(Zé Beto Maciel)

Januário Machado Portinho

"Em 49, a viagem a Cascavel era pela Estrada Velha de Guarapuava; você saía com um Jeep daqui de manhã e chegava lá pelo meio-dia. Meio-dia e pouco."

- Quando o senhor chegou em Foz do Iguaçu?

- Eu cheguei aqui no final de 49.

- E a principal atividade era a madeira?

- A principal atividade econômica de Foz do Iguaçu era justamente a madeira. A nossa madeireira (Industrial Madeireira do Paraná) era uma das principais exportadoras.

- E como era o trabalho?

- Bom, a produção toda era de Cascavel. As serrarias estavam lá.

- E vinham para Foz do Iguaçu?

- Vinham para Foz do Iguaçu através de caminhões. Eram depositadas aqui nas margens do rio Paraná onde eram carregadas para a Argentina em barcos ... as chatas.

- Bem grandes?

- Batelões. Então a madeira era carregada aqui e descia para Buenos Aires. Minha atividade não era propriamente com madeira. Era transportar a madeira e dar condições de transporte. Eu era gerente de transporte, de oficina e máquinas pesadas.

- Quantas horas durava a viagem de Cascavel até aqui naquela época?

- Era pela estrada velha de Guarapuava. Você saía com um Jeep daqui

de manhã e chegava lá pelo meio-dia. Meio-dia e pouco.

- Carregava o caminhão ou não?

- Não. Ai ... a viagem de caminhão levava 16, 17 horas.

- O sr. entrou em 49 na madeireira e trabalhou até 68. Esse período foi o grande ciclo da madeira?

- Foi. Foi o grande ciclo. Dai já começou a declinar. Em 68 começou a declinar, inclusive Cascavel nessa época ..., a madeireira teve que tirar sua filial daqui.

- Quando o sr. chegou aqui, quanto tempo de atividade tinha essa madeireira?

- Ela começou suas atividades em 48, eu cheguei em 49. Eles começaram em agosto de 48 e eu cheguei em setembro de 49.

- Por exemplo, no que a cidade dependia dessa atividade? Tudo girava em torno da madeireira? Qualquer tipo de atividade?

- Nessa época tudo dependia da madeira. É porque você vê, eu cheguei aqui em 49, nós tínhamos o Batalhão, que já estava aqui, tinha madeireiras, e diversas exportadoras de madeira. O forte mesmo era o pinho. Tinha algumas que exportavam em toras, canela, magaratuva, todas essas madeiras de lei que existiam na região e que hoje não tem. Peroba, essa madeira era exportada em toras. Chamadas madeiras de lei.

- Empregava muita gente?

- Empregava. Nós tínhamos mais ou menos 180 empregados. Essa madeira tinha uma vila perto do Batalhão, dava casa para os empregados.

- Aquela vila que hoje é o Jardim Festugatto?

- É, ali tinha uma vila.

- Como era o comércio na época?

- Em 49 o comércio era muito pequeno em Foz do Iguaçu. Um exemplo é que o material todo nosso trazíamos de Curitiba, a gasolina que nós usávamos para nosso consumo, nossos caminhões, era tudo transportado em tambores. Nós tínhamos quatro caminhões permanentemente viajando daqui para Curitiba buscando gasolina e material. Para você ter uma idéia, o comércio era pequenino, então você chegava sábado lá fazer teu rancho na Argentina, porque aqui não tinha.

- Acabando o ciclo da madeira o sr. se dedicou a outra atividade?

- Me dediquei a outra atividade, pois justamente nessa época eles estavam se transferindo com a matriz para Cascavel e não me interessou uma mudança.

- Ai o sr. se dedicou mais ao posto de gasolina?

- É. Posto de gasolina. Eu tive uma exportadora de pneus. No posto eu tinha uma exportação de pneus.

- E sua experiência com sua serraria?

- Bom, a minha serraria era pequena, de sociedade com minha mãe e um irmão. Mas

era pequena, com pequena produção, e só comprava madeira aqui na colônia mesmo.

- O sr. falou que em 70 colocou uma agência de turismo na cidade. Já se usava esse tipo de serviço?

- Já. Já tinha o Ortega, seu hotel, a agência dele. Já tinha a STTC. Tinha a Apolo, que era do Lobato. Tinha a ABC, e nós fizemos uma franquia, eu fiz uma franquia com essa Globo aqui.

- Que tipo de trabalho tinha a agência nos anos 70?

- O meu trabalho era mais receptivo. O pessoal mandava de Curitiba...

- Mais estrangeiro?

- Mais de ônibus, porque os donos da Globo eram daquela Nossa Senhora da Penha. Eles vinham de ônibus da Penha e vinham também de ônibus normais. Então a gente fazia o receptivo, fazia os passeios, tinha carro à disposição para fazer os passeios.

- Cataratas, Argentina, Paraguai?

- Quando eles vinham em ônibus próprio, estendia-se até Assunção.

- Eram mais estrangeiros ou brasileiros?

- Brasileiros de Santa Catarina, Paraná, São Paulo. Mais de São Paulo.

- E depois o sr. começou a trabalhar diretamente no Aeroporto. Como era a Infração nessa época?

- O aeroporto era razoável. Ele tinha sala de embarque, internacional e nacional. Os vôos eram naquela época o triplo de hoje. Na época tinha uma frequência diária e um vôo para

coisa para destacar de cada ciclo, da madeira, exportação, do boom da Itaipu, turismo, e o compismo, quei agora está no fim..

- O ciclo da madeira trouxe um razoável movimento para Foz do Iguaçu. Razoável progresso. Inclusive, foi nessa época que começou a construção da Ponte Internacional da Amizade. Terminou, completou a BR277 até Paranaguá. Porque, quando nós viemos para cá, em 49, estavam abrindo a estrada. Não tinha um metro de estrada asfaltada. Eu me lembro que de Porto Alegre, onde eu morava, eu vim até Curitiba de avião, até Laranjeiras de caminhão da empresa, da madeireira. De Laranjeiras para cá, eu vim de Jeep. A empresa mandou um Jeep me buscar lá. Lembro que ficamos mais ou menos umas quatro horas parados, no trecho entre Guarapuava e Cascavel, porque caiu ou derrubaram uma árvore que dois homens não abraçavam bem no meio da estrada e tivemos que esperar a máquina tirar.



- A maior parte, turista?

- É, turista. Nosso aeroporto sempre foi dirigido 90% ao turista.

- Como é que a partir de 86 foi o ápice e depois começou a decair?

- Não, não. Até o ano passado, até 90, tinha um movimento bom. Até 90, o movimento no aeroporto era expressivo. Dava essa média que eu falo, média de dois mil passageiros entre embarque e desembarque. Dezoito embarques e 18 desembarques, por dia.

- O sr. que viveu nos anos 50 a 80, quatro décadas boas de atividades, teria alguma



Áurea Cunha

João Elígio Simon

“Kerosene”

“Para fazer impresso com fotografia tinha que encomendar o clichê em Curitiba”

Pioneiro no ramo da indústria gráfica em Foz do Iguaçu, João Elígio Simon nasceu em Caçador, SC, em 1933, e está aqui desde 1957. Mas quem é João Elígio Simon? O nome é só para documento, porque ele só é conhecido, e muito, por Kerosene - sim, com “K”, como ele vai explicar nesta entrevista onde conta de sua vida e de várias facetas da história de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

- Por onde andou e o que fez na infância e juventude, antes de vir a Foz do Iguaçu aos 24 anos de idade, de onde não mais sairia?

- Me criei em Caçador mesmo, depois passei por Curitiba, depois Joaçaba, sempre trabalhando em jornal, em gráfica. Eu era compositor, ou componedor. O jornal era composto manualmente, letra por letra, no sistema tipográfico. Eu era tipógrafo. Tirava um jornalzinho em formato tabloide, quatro páginas, semanário, de propriedade do coronel Cid Gonzaga, homem muito inteligente. Ao invés de chamar o jornal de semanário, era chamado “hebdomadário” - do grego “hebdoma”, que significa semana. Eu e outro rapaz trabalhávamos a semana inteira na montagem gráfica para no domingo ver o jornalzinho circulando pela cidade.

- Era impresso em que máquina?

- Em impressora manual, página por página. Tirávamos uns 400 jornais, enderecávamos e colocávamos no Correio para os assinantes. Em Curitiba trabalhei no jornal “O Mundo Espírita”, da Fundação Espírita do Paraná. Depois vim a Foz do Iguaçu, sempre trabalhando em tipografia. Meu ramo sempre foi esse, desde antes de fazer o tiro de guerra.

- Tiro de guerra... A menção sugere que explique o que vinha a ser o tiro de guerra, que hoje não existe mais, não?

- Existe. Ainda deve existir em Londrina, por exemplo. Éramos

soldados só de segunda, terça, quinta, sexta e sábado às vezes. Éramos uns 200 alunos chamados de franco-atiradores.

- Bem, na sequência, por onde andou na vida?

- Depois de andar por Curitiba voltei a Caçador, onde também trabalhei em rádio, porque meu negócio sempre foi o meio jornalístico. Apresentava programa de calouros. Aqui em Foz do Iguaçu apresentei o jornal falado na Rádio Cultura, embora eu seja um pouco gago. O falecido radialista Antônio Soares, o “Nhô Barrigudo”, disse em entrevista a um jornal que eu era o único locutor de rádio gago que conheceu na vida.

- O senhor gaguejava na locução? E assim mesmo lhe entregavam o microfone?

- Não. Diante do microfone eu não gaguejava. A Rádio Cultura entrou no ar em 1956, eu vim para cá em 1957 e logo fui ser locutor. Era a ZYZ-7, Rádio Cultura de Foz do Iguaçu, emissora da Organização J. Castro, do major José Acylino de Castro. O diretor da Rádio era Fernando Campian. Funcionava num quarto do Hotel Cassino, hoje Senac. Outros locutores eram o Manuel “Manu” Orfanaki, um tal de Ribeiro Neto, Sérgio Gradela. Eu era locutor do noticiário.

- E como era o noticiário?

- Com um gravador italiano eu ficava até a madrugada gravando noticiários da Rádio Guaíba, Rádio Gaúcha de Porto Alegre, passava

para o papel e esse era o noticiário que ia ao ar pela Rádio Cultura, ao meio-dia e meia. E as notícias locais era o Manu quem coletava.

- As rádios de Porto Alegre nunca cobraram direitos autorais?

- Não. Acho que nunca ficaram sabendo. Mas era comum as rádios do interior fazerem isso. Não tínhamos outro meio de conseguir as notícias do Brasil e do mundo. O programa era "Rádio Notícias Renner", patrocinado pela Loja do Vestuário, revendedora em Foz das roupas Renner.

- Mas o senhor não contou como e por que veio a Foz do Iguaçu.

- Vim para trabalhar na tipografia da Organização J. Castro, que, junto com a Rádio Cultura, ele e mais 14 sócios fundaram o jornal "A Notícia". O jornal foi idealizado por João Lobato Machado, pai do Sérgio. Lobato também era sócio da Rádio. O jornal era do mesmo grupo. Mas o jornal tirou só cinco ou seis edições. As primeiras foram impressas em Curitiba. Foi, então, fundada a "SAGIL - Sociedade de Artes Gráficas Iguaçu Ltda.", mais uma empresa das Organizações J. Castro, a primeira gráfica de Foz do Iguaçu.

- E o senhor veio para trabalhar nela.

- Sim. Na tipografia tudo era feito manualmente. Aqui não havia quem entendesse de tipografia, o Major Castro me localizou em Caçador, Santa Catarina, e mandou me buscar. Quem foi me buscar foi o Celso Sperança.

- A Organização J. Castro foi buscá-lo com que proposta?

- Não havia proposta. Acho que foram me

buscar porque eu era o único tipógrafo da época que não bebia.

- E se manteve assim vida afora, ou...

- Não. Depois fiquei sempre muito perto de botecos e... Mas então eu vim para tocar a tipografia Sagil e fazer o jornal "A Notícia", que logo fechou. Tinha formato intermediário entre o tabloide e o standard de hoje. Saía com quatro páginas.

- Por que o jornal não deu certo, não emplacou?

- Foz do Iguaçu era muito pequena, com pouco comércio, pouca gente. Tirávamos uns 200 exemplares, mas dizíamos que eram mil. "Tiragem desta edição: 1.000 exemplares" - estampávamos no jornal.

- Era a "mentiragem", hoje ainda em voga. O jornal não deu certo, dava prejuízo. O que o senhor fez então?

- Continuei no mesmo ramo. Passei a fazer pequenos serviços gráficos - notas fiscais, que nem eram fiscais, recibos, alguma propaganda.

- Propaganda eleitoral...

- Sim, em papéizinhos que só diziam "vote em fulano", sem fotografia. Para fazer impresso com fotografia tinha que encomendar o clichê em Curitiba.

- Como evoluiu depois o ramo gráfico em Foz do Iguaçu?

- A Sagil parou e Foz ficou um tempo sem gráfica. Eu fui trabalhar na Prefeitura, quando o prefeito era Emílio Gomes, até a posse de Ozires Santos, em 1963. Na eleição eu apoiiei o candidato Írio Manganelli, por isso, quando

assumiu, o prefeito Ozires Santos pediu que eu pedisse demissão, e eu pedi.

- Foi fazer o que então?

- Fiz sociedade com João Valdir e Gilmar Lemos. Aproveitando o que era aproveitável da Sagil e comprando mais alguma coisa, fundamos a "Imprex Ltda.". Foi um bom negócio porque já era o período de grande movimento de exportação de madeira, principalmente pinho vindo da região de Cascavel. Na gráfica eu fazia tudo o que era tipo de impresso usado nesse negócio.

- E a Gráfica Cinquentenário, sua empresa atual, quando e como surgiu?

- Vendemos a Imprex e eu fundei a Gráfica Cinquentenário, com esse nome porque foi fundada no ano do cinquentenário do Município, em 1964.

- Na Cinquentenário também imprimiu jornais?

- Sim. Durante quase um ano imprimimos o "Jornal de Foz". O redator era Almir Antônio Machado Nunes. Mas só dava trabalho e gasto, porque não tinha patrocínio.

- O que mais surgiu na cidade em matéria de imprensa?

- Dona Ignes Sanches de Cristo publicou a Revista Cataratas. Houve outras publicações, mas não se firmaram. Eu mesmo, apesar de gostar demais de fazer jornal, não me meti mais nisso. Era muito ingrato. De dia fazíamos os impressos comerciais e à noite, o jornal. Aos domingos entregávamos nas casas ou deixávamos no Correio. A gente tinha todo aquele trabalho para fazer o jornal, e o que via depois era o

cidadão ir ao Correio, pegar o jornal, dar uma olhadinha, amassar e jogar no lixo. Que graça tinha?

- Nenhuma, por certo. Jornal que veio para ficar, então, foi "Nosso Tempo"?

- Sim. Está de pé desde dezembro de 1980. Foi semanário até o início de 1993, quando então passou a ser diário.

- Em outros campos da vida da cidade, que atuações o senhor teve?

- Fui desportista. Sou considerado um dos bons goleiros que o futebol de Foz do Iguaçu teve. Falava em goleiro, era o Kerosene.

- Por falar nisso, por que Kerosene? Aliás, por seu nome verdadeiro, o senhor só deve ser conhecido em família. Alguma vez foi incendiário, piromaniaco?

- Não, nada disso. No futebol surgem muitos apelidos. O meu também veio com o futebol. Antes de vir a Foz, fiquei uns quatro meses em Cascavel, e lá me deram esse apelido.



Ney de Souza

Nascido em 1923, filho de migrantes poloneses, pai de três filhos, João Samek tem um apreciável currículo na história de Foz do Iguaçu desde o início da década de 40, quando aqui chegou. Iniciou sua vida em Foz, como caixairo, passou para a Panair. No comércio, na Marinha, na aviação, na colonização e na agropecuária estão suas marcas, como se vê a seguir.

(Juvêncio Mazzarollo)

João Samek

“Os gaúchos e catarinenses se encantavam com a fertilidade das terras do Oeste do Paraná”

- Qual a origem de sua família? De onde veio?

- Meus pais migraram da Polônia para o Brasil no fim da Primeira Guerra Mundial. Foram para Colatina, Espírito Santo, trabalhar em cafezal e pecuária. Na década de 20 a recessão mundial afetou violentamente o Brasil, especialmente seu principal produto de exportação, o café. Meu pai produzia café e não tinha a quem vender. Para piorar, pegou malária e quase morreu, então vendeu tudo e, guiado por boas notícias a respeito do Paraná, embarcou a família num trem e fomos para Ponta Grossa. Comprou terras em Quedas do Iguaçu e lá também produzia bem, mas não tinha onde vender porque estava longe de todas cidades.

- Então vendeu tudo outra vez?

- Vendeu e foi a Guarapuava. Certo dia, um caminhão Ford-29 ia partir com mercadorias para Foz do Iguaçu e o motorista convidou meu pai para acompanhá-lo e conhecer a região. Veio e, em conversa com Jorge Lakus, que viria a ser meu sogro, se convenceu de vir morar aqui. Viemos de carroça numa viagem que durou 25 dias.

- Começou fazendo o que em Foz do Iguaçu?

- Eu tinha curso primário incompleto, que na época valia por curso superior, então fui trabalhar numa venda como caixairo. Dois anos depois um marinheiro amigo meu me disse que eu estava perdendo tempo e perguntou se queria trabalhar na Panair do Brasil, empresa aérea que voava para Foz do Iguaçu. Aceitei. Fazia de tudo na Panair.

Lá por 1946 fui enviado ao Rio fazer um curso. Na volta assumi a gerência da empresa na cidade.

- Como é a história da Panair voando para Foz do Iguaçu?

- A Panair era um filhote da Panamerican, que voava por todo Brasil. Pela lei nacionalista de Getúlio Vargas, empresas estrangeiras podiam ter no máximo 49% do capital. Assim era a Panamerican e sua subsidiária, a Panair do Brasil. Daqui eu despachava os aviões DC-3, com 32 lugares, para Buenos Aires, São Paulo, Miami. A empresa era maior que a Varig, que quase só operava no Rio Grande do Sul. A Panair operava por todo o Brasil, inclusive na Amazônia. Mas em fins de 1959 a Panair extinguiu os vôos para Foz do Iguaçu, porque eram deficitários.

- Os vôos eram de carga e passageiros? Vinham muitos turistas?

- Vinham com carga e passageiros, principalmente turistas americanos, que conheciam o Brasil mais e melhor do que os brasileiros.

- Aconteceu algum acidente nesses vôos para Foz do Iguaçu?

- Aconteceu um acidente, mas sem vítimas, e nem foi aqui. Um avião vinha de Curitiba com tempo ruim e não pôde pousar, então voltou. Na viagem pifou o sistema de comunicação, então o avião teve que descer em Catanduvas, numa pista de lama, e encalhou.

- Com o fim dos vôos da Panair o senhor perdeu o emprego? Foi

fazer o quê, então?

- A Panair me convidou para trabalhar no Rio de Janeiro, mas eu preferi ficar em Foz do Iguaçu. O mesmo marinheiro que me introduziu na Panair me levou para a Marinha. Trabalhei lá uns dois anos, como secretário. Mas havia na região a colonizadora Pinho e Terra, dos Dalcalle e Ruaro. Certo dia, o Ruaro veio com uma carga de madeira para embarcar no rio Paraná e perguntou se não queria trabalhar com eles, ganhando muito mais do que ganhava da Marinha.

- Proposta irrecusável...

- É, mas o comandante da Marinha não queria me deixar sair. Até ameaçou me prender se saísse. Mostrei a ele que iria ganhar bem mais na colonizadora, então deixou que saísse.

- Que empresa era essa Pinho e Terra? Como ganhou o direito de colonizar a região Oeste? Que terras comercializava?

- A situação legal das terras era complicada. Até a Constituição de 46, a fronteira, numa faixa de 150 quilômetros de largura, era de domínio da União. Depois a União começou a distribuir áreas a empresas para promoverem a colonização. Alberto e Luiz Dalcalle e Alfredo Ruaro criaram a Pinho e Terra e conseguiram autorização para colonizar toda uma faixa que vai de Foz do Iguaçu até perto de Cascavel. Foi um exemplo de colonização. Abria uma gleba, loteava e dotava de infraestrutura mínima, com igreja, escola, praça, um núcleo populacional que passava a ser embrião de uma cidade. Assim surgiram Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Matelândia...

- Quando começou a se intensificar essa

colonização do Oeste? Para quem a Pinho e Terra vendia terras?

- Foi na década de 50, começo da migração de agricultores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para cá. A migração se intensificou na década de 60 e mais ainda na de 70. Os gaúchos e catarinenses deixavam suas terras esgotadas no sul e ficavam encantados com a fertilidade e a comodidade das terras do Oeste do Paraná.

- E foi aí que o senhor também conseguiu sua terra e virou latifundiário?

- Comprei minha terra, mas não creio que seja latifundiário. Tinha cerca de 500 alqueires, dos quais perdi cerca de 150 para o lago de Itaipu. Com o que sobrou formei a Fazenda Cacique, localizada perto de São Miguel do Iguaçu, naquela área de Foz do Iguaçu seccionada pelo lago de Itaipu, as chamadas "Malvinas".

- Nessa fase de colonização havia conflitos de terra?

- Não, até porque a terra tinha pouco valor comercial. Lutas, conflitos surgiram depois, já nas décadas de 60 e 70, com a valorização das terras.

- Antes trocava-se uma colônia de terra por uma garrafa de cachaça...

- Sim. Meu pai, se quisesse, podia pegar a área que bem entendesse.

- Mas houve muitas disputas, muitos conflitos fundiários, inclusive com morte, que o senhor deve ter acompanhado.

- Houve, sim, mas em Foz do Iguaçu quase não aconteceu isso. Invasões têm ocorrido mais recentemente em Matelândia e

Medianeira - coisas dos sem-terra, fenômeno recente.

- O senhor teve longa atuação no Sindicato Rural de Foz do Iguaçu, bastante antigo. Foi um dos fundadores?

- Não, quando foi fundado eu ainda trabalhava na Panair. Na época chamava-se Associação Rural.

Eu entrei no Sindicato em 1970, depois de estruturada minha fazenda e já com os filhos ajudando. Peguei o Sindicato falido e "queimado" pelo ex-presidente, Cleodion Albuquerque, que confundia o Sindicato com partido político (Arena) e o candidato, o irmão Tércio. Isso afastou muitos associados. Saneamos tudo e desde então o Sindicato Rural vai bem.

- Presidiu o Sindicato por quantos anos ou mandatos?

- Exerci três mandatos de três anos cada.

- Quantos associados têm? Há boa participação deles?

- São cerca de 400 sócios. A participação é boa, mas não a ideal.

- O que faz, o que oferece o Sindicato Rural aos ruralistas?

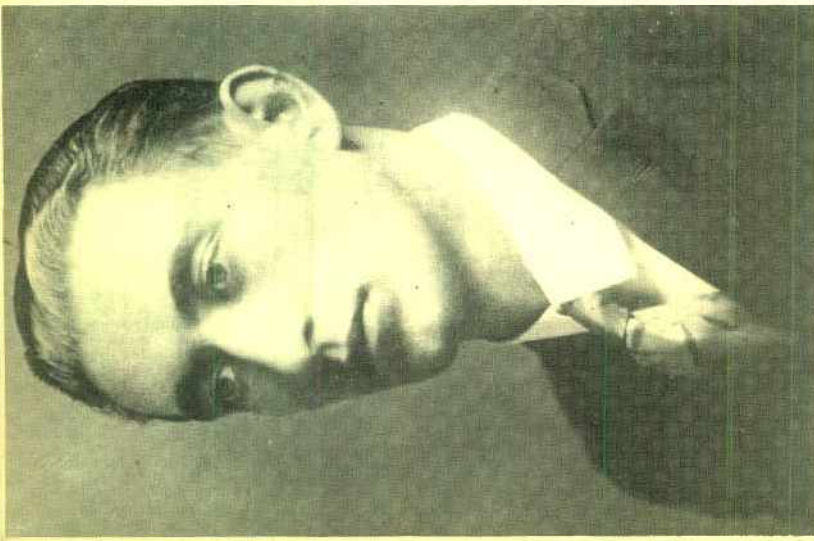
- O Sindicato é o órgão de defesa do agricultor. Leva reivindicações e sugestões à Federação para serem defendidas nos governos estadual e federal. Lutamos por financiamentos agrícolas, pela assistência técnica, pela aposentadoria do agricultor...

- Em matéria de políticas agrícolas globais, de reforma agrária, preços, etc., que posições assume o Sindicato?

- Participamos em lutas conjuntas da categoria que reivindicam, por exemplo, preços mínimos compatíveis com os custos de produção e necessidade de margem de lucro para que possa haver reinvestimentos e ampliação do cultivo. Lutamos contra os altos juros e por financiamento à agricultura.

- Quais seriam as grandes linhas ou etapas da agricultura e pecuária na região? A primeira terá sido a fase predatória, marcada pela extração da erva-mate e da madeira, levadas pela Argentina até a Europa. Durou até a década de 70, quando as matas foram arrancadas ou queimadas para dar lugar à agricultura intensiva e em grande escala, mecanizada, adubada e agrotóxica...

- Sim, foi quando foram introduzidas as culturas de grãos (soja, milho, trigo), geralmente precedidas do cultivo da hortelã, cujo óleo rendia muito dinheiro. Retirava-se do mato o que sobrava de madeira, destocava-se para plantar. Ao mesmo tempo implantou-se uma pecuária forte na região. Era fácil. Derrubava-se a floresta, ateara-se fogo, plantava-se capim colômbio e milho. Colhido o milho, o pasto estava formado.



Arquivo Família Werner

José Werner

*"Sabem por que o Porto Meira leva esse nome?
É em homenagem a Meira de Vasconcelos"*

Esta entrevista com José Werner foi feita quando a memória deste ilustre cidadão de Foz do Iguaçu já estava bastante nebulosa.

Mesmo assim, os elementos que pôde expor constituem claro retrato de si mesmo e de Foz do Iguaçu a partir de quando aqui chegou, em 1909, com apenas 9 anos de idade, vindo de Chapecó, SC, que a exemplo de Foz, também era Colônia Militar.

(Aluizio Palma)

- De onde e quando a família Werner migrou para Foz do Iguaçu?

- Viemos em 1909, de Chapecó, SC, quando eu tinha 9 anos de idade. Como Foz do Iguaçu, Chapecó também era Colônia Militar.

- E o que encontraram em Foz do Iguaçu quando chegaram?

- Um povoadinho com alguns casebres dispersos. Nem mesmo dava de circular de carroça, pois só havia alguns trilhos abertos, que só permitiam andar a pé ou a cavalo. O que havia aqui era um pequeno grupo de soldados que formavam a Colônia Militar, então comandada pelo coronel Neiva de Lima. A Colônia Militar não era formada por soldados como os de hoje, e sim por homens, na maioria casados, contratados para o serviço.

- A Colônia Militar foi criada para desbravar a região ou defender a fronteira?

- Creio que para as duas finalidades, por ser esta uma região estratégica. O chefe da Colônia Militar distribuía terras aos colonos que vinham para cá, de graça. Houve quem recebeu até mil hectares.

- Para uma criança, como era o senhor quando chegou, estudar aqui, nem pensar?

- Não havia escola nem professor. Havia o quartel construído de tábuas serradas a mão. Quem sabia ler e escrever ensinava um pouco as crianças em casa. Mas eu, quando tinha 10 anos, fui estudar em Curitiba.

- Para ir até lá foi outra epopéia?

- Foi. Fui até Posadas, Argentina, em barco a vapor. De lá fui até Passo de Los Libres de trem. Cruzamos o rio e, novamente de trem, segui até Uruguaiana-RS, e de lá até Curitiba, sempre de trem. Fiquei quatro anos em Curitiba, sem ver meus pais. Completado curso primário, voltei a Foz do Iguaçu em companhia de Dario Camargo.

- Com curso primário, era um "doutor"? O que passou a fazer então?

- Comecei a trabalhar numa pequena casa comercial do doutor Jorge Schimmelpfeng. No primeiro ano nem salário eu ganhava. Só depois passei a receber uns trocados.

- Sua família estava instalada em que lugar da cidade?

- Onde hoje está a Catedral São João Batista. Ele construiu ali uma modesta casinha, ao lado de uma igreja de madeira. O padre, Monsenhor Guilherme, vinha de Guarapuava uma vez por ano para rezar missa e fazer casamentos e batizados. Foi iniciativa desse Monsenhor a construção do primeiro hospital e da primeira escola de Foz do Iguaçu.

- O que fazia seu pai?

- Montou uma pequena carpintaria. Lembro que em 1925 a igreja pegou fogo, ficou destruída, e nós cedemos nossa casa ao padre e fomos morar na carpintaria.

- Em 1924 chegaram os revolucionários da Revolução Paulista. Como foi?

- Foram nove meses de presença dos revolucionários na cidade. A maioria dos moradores de Foz do Iguaçu se refugiou na Argentina. Eu continuei em Foz do Iguaçu. Foi uma movimentação pequena.

- Não houve tiroteios?

- Não. Só sei que fuzilaram um homem. Franquelin de Sá Ribas, lá no porto do rio Paraná. Ele cuidava do Cartório e do Correio.

- Por que o fuzilaram?

- Ele levava gado ao Paraguai. Os revolucionários o proibiram de fazer isso, mas ele continuou, então o condenaram à morte.

- Trabalhou quanto tempo para Jorge Schimmelpfeng?

- Mais de dez anos. Depois fui trabalhar para Acácio Pedroso, que também tinha comércio. Durante a revolução estava trabalhando com ele.

- Como conseguiram a sobrevivência nos primeiros tempos de vida em Foz do Iguaçu?

- Plantava-se milho, arroz, feijão. Mas produtos como farinha, sal, açúcar e roupas tínhamos que comprar na Argentina.

- O senhor também foi prefeito de Foz do Iguaçu, não?

- Fui prefeito nomeado, em 1931, mas fiquei pouco tempo no cargo.

- É verdade que foi o senhor quem inaugurou o cemitério?

- Era para eu inaugurar, mas, como se vê,

ainda estou aqui, vivo. O cemitério que havia ficava na rua, então o Othon Maeder me pediu que fizesse um cemitério quando assumi a Prefeitura. Mas eu disse: "Othon, será que vou ter que inaugurar o cemitério?" A lenda, ou a superstição dizia que quem construísse cemitério morreria logo e o inauguraria. Fiz o cemitério e inclusive reservei uma cova para mim. Pensei que iria inaugurá-lo, mas hoje o cemitério está cheio, não cabe mais ninguém, e eu continuo aqui, vivo.

- Na sua juventude, que vida social havia, que festas faziam?

- De vez em quando saía algum baile na casa de alguém, em festas de aniversário principalmente. Não havia orquestra. Formava-se conjunto musical com violão, harpa e gaita. Quem sabia tocar algum instrumento se reunia e animava os bailes.

- Mas houve um inglês que formou uma orquestra, não?

- Sim, o Jorge Samways. Formou uma banda completa, que nós chamávamos de "Charanga do Inglês", porque ele era de origem inglesa. Lembro que quando chegou Santos Dumont, em 1916, a charanga do Samways foi recepcioná-lo no porto, onde desceu de um barco a vapor. O pessoal gracejava: "Pois é, Santos Dumont, nós esperava o senhor por cima, mas o senhor veio por baixo".

- Quanto tempo Santos Dumont ficou em Foz do Iguaçu?

- Acho que ficou dois dias. Foi conhecer as Cataratas e foi homenageado com um baile. Ele se hospedou num hotelzinho que havia

nas Cataratas. Foi embora a cavalo, rumo a Curitiba.

- É verdade que, certa feita, o senhor voltava de Curitiba, onde prestava serviço militar, e o vapor em que viajava explodiu?

- É verdade, eu estava naquele barco. Fiquei certo tempo em Curitiba cumprindo missões militares sob o comando de Meira Vasconcelos. Sabem por que o Porto Meira leva esse nome? É em homenagem a Meira de Vasconcelos.

- Como foi o desastre da explosão do vapor?

- Vinhamos pelo rio Paraná. Éramos cerca de 150 pessoas, a maioria turistas que iam para a Argentina. De madrugada, enquanto a maioria estava dormindo, ocorreu a explosão. Era proibido, mas o barco transportava seis tambores de gasolina, que explodiram. No momento da primeira explosão eu estava perto de minha irmã. Ela se agarrou em mim. Logo eu não vi mais nada porque ocorreram outras explosões e tudo ficou tomado por fogo e fumaça. Quando me dei conta estava no meio da água e do fogo. Sofri queimaduras graves, principalmente no rosto. Foi um acidente horrível. Morreram umas 120 pessoas.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Desfile do Exército no dia do município na década de 40.



Reprodução

Padre reza missa na sede da Companhia Independente de Foz do Iguaçu, na década de 40

(Extraído do "Nosso Tempo" - 1981)



Ney de Souza

Júlio Bruczenitski

No início da década de 60, quando o prefeito era Ozires Santos, o Departamento de Água, Esgoto e Energia Elétrica ficou encarregado de asfaltar a Avenida Brasil

Filho de pai polonês e mãe ucraniana, nascido em Irati-PR, em 1925, Júlio Bruczenitski vive em Foz do Iguaçu desde 1946, sempre entregue ao trabalho, à formação dos dez filhos e a Deus, de quem se diz “operário”. Como soldado e

operário de Deus e dos homens, Júlio recebeu e também imprimiu sua marca em Foz do Iguaçu, como se vê a seguir.

(Juvêncio Mazzarollo)

- O que fazia a família de seus pais em Irati e Laranjeiras do Sul, onde nasceu e se criou?

- Trabalhava na roça. Eu trabalhei em Laranjeiras do Sul na época em que toda esta região formava o território do Iguaçu, extinto em 1947. Em 1946 eu fui mandado a Foz do Iguaçu prestar serviço militar, acabei ficando e estou aqui até hoje.

- Fazia alguma diferença o fato de esta região ser Território ao invés de Estado?

- Para a vida do povo, não. Sendo Estado ou Território Federal, o estado de abandono desta região era o mesmo. A diferença era meramente político-administrativa. Como Território, tinha uma capital, Laranjeiras do Sul, e governador.

- Por que foi mandado a Foz do Iguaçu para o serviço militar?

- Era desejo meu e de um grupo de amigos que íamos prestar o serviço militar e queríamos vir para a fronteira. Nosso desejo foi satisfeito pelos militares e, em fevereiro de 1946, embarcamos num comboio de quatro caminhões e viemos para cá. Viemos em caminhões alugados pelo Exército porque na área não havia ônibus regular de Laranjeiras a Foz do Iguaçu. Éramos 140 recrutas. Levamos oito dias de viagem para chegar ao destino. Choveu muito na viagem, tivemos que tirar os caminhões dos atoladouros no braço.

- Quando se viram nessas condições não deu vontade de voltar

para casa?

- Já no caminho havia recrutas querendo voltar para casa, desertar. Mas chegando a Cascavel recobramos o ânimo: o comandante conseguiu um boi e nos serviu uma churrascada. Mais adiante carneamos um porco. A última parada foi em Sanga Funda. Lá, naquela noite, dormi em pé, tão cansado estava. Encostei no caminhão e adormeci em pé. Tomamos banho e ganhamos farda nova para vestir. A roupa que tínhamos no corpo jogamos fora, pois estava toda rasgada e suja devido às peripécias da viagem.

- Ficou quanto tempo no quartel? A que patente chegou e o que fazia?

- Fiquei três anos no quartel. Saí como cabo. Não quis esperar a promoção a sargento. Era encarregado de comandar o pessoal que aterrava o local onde foi construído o primeiro prédio à entrada do Batalhão. Lá havia um banheiro.

- O serviço militar naquela época era como hoje ou tinha alguma diferença?

- Era bastante diferente, marcado pela Segunda Guerra Mundial. Não era fácil, por exemplo, conseguir licença para uma saída do quartel. E se saísse tinha que ser obrigatoriamente com farda. A Segunda Guerra havia acabado em 1945, mas o regime no quartel permaneceu o mesmo dos tempos em que os militares viviam diante da possibilidade permanente de serem chamados para a guerra. Frequentemente o

comandante determinava uma prontidão, para exercício. Soldados e ex-soldados tinham que se apresentar, e aí de quem não atendesse a convocação. Do quartel saíamos em marchas pela cidade. Quase todos os sábados desfilávamos pela cidade. Eu era do serviço de comunicações e tinha que carregar nos braços aqueles rádios e amplificadores pesados e enormes, que funcionavam com baterias.

- **Que armamentos tinha o quartel na época?**

- O tradicional fuzil, metralhadoras, morteiros e uns pequenos canhões puxados por burros - só mais tarde passaram a ser puxados por Jeep. Tínhamos inclusive um Jeep anfíbio - até tenho uma foto do Jeep em manobras no rio Paraná.

- **Saiu do quartel para fazer o quê?**

- Para trabalhar em construção. Dei baixa e, cinco dias depois, vieram à minha procura para me chamar de volta e ser promovido a sargento, mas eu não quis. Logo fui a Guairá construir um barracão para o quartel de lá, que só tinha uns galpões cobertos de capim e armação de banha. Isso foi em 1949. Em 1950 comecei a trabalhar numa construtora de casas em Foz do Iguaçu. Ainda há várias casas que construímos em pé na cidade. Meu trabalho principal era a instalação da rede elétrica nas casas, ainda quando a energia vinha da Usina São João, instalada no Parque Nacional. Depois trabalhei na entrega das contas de luz nas casas, de bicicleta. Um dia quebrei a clavícula. Mesmo assim ia trabalhar. Não agüentava ficar em casa. Lá de luz com uma só mão. Também trabalhei na construção da Usina de Ocoí, agora coberta pelo lago de Itaipu. Era uma usina que gerava 1.500

KW. Ajudei a puxar a rede de transmissão de energia até Foz do Iguaçu.

- **Isso tudo na década de 50, quando ainda não existia a Copel, criada pelo governador Ney Braga no início da década de 60. Quem administrava a eletricidade antes da Copel?**

- O Departamento de Água, Esgoto e Energia Elétrica, órgão do governo do Estado. A energia era produzida pelas usinas São João e Ocoí e por motores movidos a óleo diesel. O chefe do Departamento aqui era Armando Matte. Depois eu também fui chefe. No início da década de 60, quando o prefeito era Ozires Santos, o Departamento de Água, Esgoto e Energia Elétrica ficou encarregado de asfaltar a Avenida Brasil. Eu trabalhei nessa obra também. Foi a primeira vez na vida que vi asfalto. Foi uma grande novidade para Foz do Iguaçu, inaugurada com grande festa. Era uma avenida de duas pistas, de duas mãos, com canteiro central. Depois fui trabalhar na construção de uma usina em Cascavel, onde a energia era fornecida só por geradores a diesel.

- **Voltando aos seus primeiros tempos em Foz do Iguaçu, como era a vida aqui?**

- Quando vim para cá a cidade não tinha quase nada. A torre da Igreja Católica estava em construção. Ali onde funciona a Polícia Federal estavam construindo a agência do Banco do Brasil. Depois construíram o Fórum. Eu sempre fui ligado à Igreja. Quando o padre fazia o programa das festas com o nome dos encarregados das diversas tarefas, meu nome sempre estava na lista.

- **Que comparação faz entre a**

religiosidade do povo de Foz do Iguaçu de hoje com a religiosidade de 30, 40 anos atrás?

- É muito diferente. A religiosidade enfraqueceu muito, e a moral mais ainda. Naquela época ninguém sequer conhecia maconha ou qualquer droga. Não havia criminalidade porque havia consciência cristã, de necessidade de correção no comportamento. Hoje eu tenho medo de sair à noite. No passado as crianças podiam ir à escola ou outro lugar à noite, sem problema, sem perigo algum. Dormíamos com as portas e janelas da casa abertas. Saíamos de casa sem passar a chave nas portas. Hoje nós estamos presos e os bandidos, soltos.

- **Na época em que o senhor veio a Foz do Iguaçu, qual era a presença mais forte na cidade - o quartel do Exército, a igreja ou o quê?**

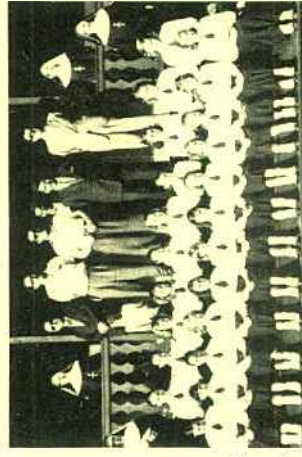
- Era o quartel, sem dúvida. De certa forma, tudo ou quase tudo girava ao redor do quartel.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Casa Escolar Jorge Schimmelpfeng com sua primeira turma e a professora e primeira diretora, Celeste Soltomaior



Reprodução

Reunião de uma das primeiras turmas do Colégio São José. Acima, Romário Vidal, Arnaldo Matte, Rui Gandara e Airton Ramos

(Extraído da "Carteira do Iguaçu" - Edição de 23/06/93)

Ney de Souza

Kid Chocolate

"Certa vez o Pedro Basso entrou numa briga feia no campo do ABC. Os filhos dele entraram também e o Vitório escapou de ser morto"

Raras pessoas sabem quem é Antonio Gonçalves, mas não são poucos que sabem quem é Kid Chocolate. É a mesma pessoa, um patrimônio do esporte de Foz do Iguaçu, particularmente do futebol e mais particularmente ainda do Flamengo Esporte Clube, que fundou há 40 anos. Nasceu em Petrópolis, RJ, em 1927, ingressou na Marinha e chegou a Foz do Iguaçu em 1952. (Juvêncio Mazzarollo)

- Veio para Foz do Iguaçu quando e por quê? Foi escolha sua ou designação da Marinha?

- Cheguei no dia 22 de setembro de 1952. Foi escolha minha. Venci uma luta de box no Mato Grosso contra um boliviano, e como prêmio a Marinha me ofereceu três lugares para eu escolher onde queria trabalhar. O almirante me ofereceu Recife, para fazer uma viagem de volta ao mundo no navio Almirante Saldanha, e Foz do Iguaçu. Eu escolhi Foz do Iguaçu, porque o mar me dava muito enjôo. Vim para fazer concurso de prático da Marinha. Não consegui fazer o concurso e, em 1954, pedi baixa.

- Saiu da Marinha e se pôs a fazer o quê?

- Fiquei trabalhando na cidade, abrindo poço, de pedreiro...

- Tem algum fato marcante de sua vida na Marinha?

- Tive uma encrenca com o sargento do Exército, Nepomuceno, já falecido. Eu tinha fundado o "84 Boxing Clube" e certo dia ele foi lá sem ser sócio. Eu o coloquei para fora e então ele passou a me provocar todos os dias, até que eu tive que dar umas pancadas no sargento. Tive que responder a processo disciplinar interno na Marinha, mas deu em nada porque eu tinha 10 de bom comportamento e o processo correu à revelia, sem testemunhas.

- Deixando a Marinha, então, partiu para que atividade?

- O prefeito da época, Guaraná de Menezes, me ofereceu emprego na

Santa Casa porque eu era auxiliar de enfermeiro e massagista. Não deu certo porque não havia vaga no hospital. Então fui abrir poço. Fui ajudante de pedreiro e depois arrumei emprego na Panificadora Marumbi, do Sebastião Flor. Quem me ajudou muito nessa época foram o Pedro e o Irineu Basso. Quando dei baixa da Marinha passei apertado. Não havia emprego. O Sebastião Flor me deu emprego, não porque precisava de mim lá, mas só para me ajudar, porque ele era do meu time, o Flamengo.

- Voltando um pouco, o que lembra de suas primeiras impressões ao chegar a Foz do Iguaçu em 1952?

- No dia em que cheguei estava sendo inaugurado o Cine Star, dos Basso. Foi um acontecimento. O Cine Star passou a ser o centro das atenções e do lazer da cidade. Antes das sessões faziam-se dedicatórias de músicas pelo alto-falante: "fulano oferece a música tal para fulana..." Principalmente nos sábados e domingos à noite todo mundo ia ao cinema, que lotava sempre. Naquele tempo só havia luz de gerador a diesel, que desligava às 9 horas, depois passou a ficar ligado até as 11 horas. Por isso, Pedro Basso teve que se equipar com gerador próprio no Cine Star.

- O senhor já sofreu discriminação por ser negro?

- Aqui em Foz do Iguaçu, nunca. Mas no Rio, sim. Numa barbearia se recusaram a cortar meu cabelo e no Clube Carioca não me deixaram entrar. Outra vez fui barrado num hotel de Porto Alegre. Fui para lá

fazer companhia a um amigo e ele me levou ao hotel. Perguntou se havia vaga. O dono do hotel disse que tinha uma, mas quando viu que o hóspede seria eu disse que havia se enganado e que não tinha vaga.

- **O que a pessoa sente no íntimo em situações assim?**

- Sente revolta, porque dizem que no Brasil não há racismo e até existe uma lei contra a discriminação, mas não adianta reclamar.

- **O senhor é também um especialista em massagem, não?**

- Sou. Trabalhei muito nisso, inclusive em clínicas médicas. Atendia muita gente em casa também, mas parei porque tenho muitos amigos e toda hora vinha gente fazer massagem sem pagar.

- **Mas seu grande destaque está no mundo do esporte. Em Foz do Iguaçu começou com a fundação do "84 Boxing Clube". Por que 84?**

- Em homenagem a Osvaldo Silva, já falecido. Foi um bom lutador de box. Eu dei o nome ao Clube com esse número porque era o número do Osvaldo na Marinha.

- **Já havia box em Foz quando o senhor chegou?**

- Não, fui eu que comecei. Pegou. Várias pessoas se envolveram. Vitório Basso praticava, os Grignet todos praticavam e muitos outros. Chegou a estar bem encaminhado o box aqui, mas depois começamos a ter dificuldades com local. Vinha lutador do Paraguai, de Santa Catarina - e eu derrotava todos. O Clube, porém, durou só um ano, e dele nasceu o Flamengo Esporte

Clube, este de futebol. Vitório Basso disse "vamos fazer um time de futebol também, com a rapaziada daqui". Fechamos o "84 Boxing Clube" e fundamos o Flamengo.

- **Fundou o Flamengo por ser flamenguista no Rio?**

- Sim, e desde que o Clube existe eu me dedico a ele. Na época havia o Clube ABC, o Palmeiras, Iguaçu, Guairacá, Industrial Madeireira, o Nacional de Criciúma (hoje Santa Terezinha de Itaipu).

- **Como o Flamengo cresceu e se consolidou como grande clube de futebol de Foz do Iguaçu?**

- O Clube se firmou e cresceu porque houve a era do Irineu Basso no seu comando, que carregou o Clube nas costas durante mais de 20 anos, sustentando-o com seu próprio bolso. Depois veio a era do Nelson Domareski - foi quando construímos o Estádio Pedro Basso, ao qual se somou depois o Kartódromo. Conseguimos o terreno da Prefeitura quando Tércio Albuquerque foi prefeito interino, devido à morte do prefeito. Tércio era presidente da Câmara e assumiu a Prefeitura.

- **No tempo em que surgiu o Flamengo como era o futebol em Foz do Iguaçu, os campeonatos, os jogadores?**

- Os jogadores eram todos daqui, do Paraguai e da Argentina. Havia bons times O do ABC foi um dos maiores de todos os tempos na cidade.

- **E o senhor fundou o Flamengo, se amarrou nele e nele está até hoje.**

- Até hoje. São 40 anos já. E moro no estádio

desde que o construíram. Sou solteiro e vivo aqui sossegado.

- **Acontecia muita briga nos jogos de futebol?**

- Todo campeonato era pontilhado por brigas. Todos os jogos tinham brigas. Certa vez, Pedro Basso entrou uma briga feia no campo do ABC. Os filhos dele (Irineu e Vitório) entraram na briga também, e o Vitório escapou de ser morto porque o camarada adversário puxou a arma e ela não detonou. Era um soldado do Exército.

O pessoal ia ao campo mais para ver a briga do que o jogo, embora o futebol fosse bem melhor do que agora. Havia bons jogadores, bons times e muita torcida.

- **O senhor foi jogador de futebol ou sempre foi só técnico do Flamengo?**

- Não joguei. Sempre fui técnico. Agora mesmo sou instrutor de futebol de mais de cem meninos.

- **Quem citaria como grandes jogadores que Foz do Iguaçu teve?**

- Foram muitos, mas destacaria o Mussi, Barreto, Marujo, Arturo Mallorquin e outros que hoje jogariam no Foz do Iguaçu Esporte Clube, e melhor do que os que estão aí. Essa política de trazer de fora jogadores em fim de carreira é errada.

- **De sua escola saiu algum craque?**

- Saiu. O Arturo Mallorquin foi um. Jogou na Espanha, no Atlético Paranaense, foi campeão da Taça Paraná pelo Aimoré de Matelândia. Jogou no Olímpia de Assunção. Outro ex-aluno meu foi para o Botafogo do Rio e agora está no Grêmio de Porto Alegre.

- **Em que momento e por que o futebol de Foz do Iguaçu entrou em decadência?**

- Quando os jogadores passaram a ganhar dinheiro para jogar, perdendo assim o amor à camisa, ao esporte. O futebol começou a cair quando os clubes começaram a pagar jogador, trazer boleiro de fora preterindo o pessoal da casa. É um processo iniciado em 1975 em diante.

- **Nas décadas de 50 e 60, que outros esportes eram mais praticados em Foz do Iguaçu, além do futebol?**

- O basquete. O basquete aqui foi muito bom numa época. Jogavam Marinha, Exército, Flamengo, Vasco. O vôlei nunca chegou a emplacar aqui. E havia também muito jogo, e bom, de boliche e bolão, bilhar, futebol de salão. O futebol de salão aqui foi muito bom, muito bom. Inclusive tivemos um time que derrotou o Palmeiras de São Paulo quando este era campeão brasileiro e sulamericano.

- **Tem algum fato da vida que gostaria de relatar?**

- De 1961 a 1963 fiquei em Criciúma, S.C., para ser massagista do Metrópol, time profissional, depois do Comerciário. Quem me levou para lá foi o Írio Manganelli. Ganhava bem, pagavam direitinho.

- **O apelido Kid Chocolate surgiu em que circunstância?**

- Ganhei o apelido como lutador de box ainda no Rio de Janeiro. Havia um grande lutador com esse apelido. Ele parou de lutar e, como eu era considerado parecido, passaram o apelido para mim, e ficou.

(Extrato da "Carta do Iguaçu" - 1994)



Foto da Família Pasa

Letícia Pasa Leopoldino

"Quando Júlio Pasa foi prefeito nem se cogitava da possibilidade de corrupção"

Nascida em 1932 em Foz do Iguaçu, a professora Letícia Pasa Leopoldino é filha do ex-prefeito Júlio Pasa e de Isabel Bonini Pasa, estes filhos de migrantes italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul no final do século passado. Lá nasceu Júlio Pasa, que viria a ser duas vezes prefeito de Foz do Iguaçu. Júlio e Isabel Pasa tiveram 11 filhos e adotaram outros 6.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Por que e para que seu pai, Júlio Pasa, deixou o Rio Grande do Sul e migrou para o Paraná?
- Veio aventurar. Era pedreiro. Era solteiro e veio aventurar, como fazem muitos jovens. Veio por volta de 1918. Inicialmente foi a Guaíra. Trabalhou inclusive na construção da igreja de pedra que existe lá. Ele era muito estudioso, autodidata. Teve pouquíssima escolaridade, mas chegou a trabalhar como advogado, embora não assinasse documentos de processos. E, como pedreiro, era praticamente um engenheiro. Em Foz, construiu, por exemplo, uma ponte sobre o rio Monjolo, hoje canalizado e coberto, no ponto mais baixo da Avenida Brasil, que na época se chamava Avenida Botafogo.
- Em que mais ele trabalhou?
- Na lavoura. Fornecia alimentação para a cavalaria do Batalhão do Exército. Os cavalos eram mantidos com alfafa que meu pai plantava.
- E o Júlio Pasa político, por onde começou?
- Bem, eu nasci em berço de político. Ele era da UDN. Em 1930, foi prefeito nomeado pelo presidente Getúlio Vargas. E em 1948 foi eleito prefeito pela UDN. Lembro bem, porque nessa época eu já era mocinha. Como prefeito nomeado ficou no cargo um ano e alguns meses.
- Conta-se que ele cuidava do Município percorrendo-o a cavalo...
- Sim. E é preciso considerar que Foz do Iguaçu, naquela época, ia até

- Cascavel. No segundo mandato dele (1948-1951), meu pai veio de Curitiba até Foz em cima de uma patrola. Ele e o motorista da Prefeitura foram buscar a patrola. A Prefeitura tinha só um caminhão, e o motorista era o João Vale.
- Certamente foi a primeira patrola que entrou em Foz do Iguaçu?
- Deve ter sido. Então, vieram de Curitiba os dois com a patrola. Levaram não sei quantos dias de viagem. Meu pai chegou sujo e cansado e levou bronca da mãe. A mala ele mandou por ônibus. Papai era muito corajoso.
- A senhora deve lembrar de como foi a eleição do seu pai como prefeito em 1948...
- Por incrível que pareça, naquele ano eu morava em Montevideu, Uruguai. Fiquei em Montevideu um ano e meio, e justo nesse tempo meu pai foi eleito.
- Então pôde acompanhar o desempenho do seu pai como prefeito eleito. O que poderia destacar?
- Papai foi muito bom prefeito. Foi muito bem aceito. Ele tinha muito boa cabeça para resolver os problemas prioritários. Era muito determinado. Quando tinha uma coisa para fazer, para ele não havia horário, domingo, dia ou noite. Mas no domingo, pelo menos à missa ele tinha que ir. Era muito "missiro". Na época, além da Igreja Católica, só havia uma igreja evangélica na subida do bairro Boicy. Meu pai se

dava muito com o pastor. Nas tardes de domingo, juntos, pastor e padre, com meu pai, iam à nossa chácara tomar vinho. Meu pai fazia vinho, porque qual é o italiano que não faz vinho?

- O salário do prefeito era bom?

- Não tenho idéia, mas sei que em certa ocasião meu pai ficou mais de um ano sem tirar um centavo do seu salário na Prefeitura, senão falaria para pagar os funcionários. Nós, mocinhas, pedíamos isso e aquilo ao pai, mas ele dizia: "Como vou tirar meu pagamento na Prefeitura se não há dinheiro nem para pagar os funcionários?"

- Era exatamente o oposto da corrupção: não pegava nem o que tinha em haver. Mas pelo menos ninguém o acusava de corrupção.

- Não, não. Na época nem se cogitava da possibilidade de corrupção. Meu pai deixou dinheiro em caixa na Prefeitura quando deixou o cargo.

- Em que lutas se envolveu Júlio Pasa por Foz do Iguaçu?

- Ele batalhou muito pela abertura da chamada Estrada Estratégica, que viria a ser a BR-277. Meu pai dizia que Foz do Iguaçu só teria progresso se tivesse estrada ligando o Município a Curitiba.

- Estrada que deveria ter sido aberta ainda no final do século passado, pela Comissão Estratégica do Paraná, a mesma que fundou a Colônia Militar de Foz do Iguaçu...

- Sim. Antes do asfaltamento da BR-277, uma viagem a Curitiba levava quatro ou cinco dias.

Isso quando não quebrava o carro. Se quebrasse, os outros carros não poderiam passar.

- Na biografia de Júlio Pasa diz que ele foi presidente do Clube Recreativo e da Associação Rural. Que Clube era o Recreativo?

- Um Clube onde bailei muito. Ficava na Rua Santos Dumont, perto de onde hoje está o Hotel Rafain. O Oeste Paraná Clube era o maior e a gente freqüentava também. O Recreativo era mais simples e nele entrava mais gente, mas tinha que ser sócio.

- E a Associação Rural - seria o começo do que hoje é o Sindicato Rural?

- Creio que sim. Eles até se instalaram numa salinha do Colégio Agrícola. Meu pai era registrado até no Rio de Janeiro no Ministério da Agricultura.

- Que mal levou Júlio Pasa embora?

- O médico atestou problema cardíaco. Teve um ataque e ainda viveu mais de um ano, ditando e levantando, sentando e caminhando, melhorando e piorando. Depois, nos últimos três meses, passou o tempo todo sentado. Só para morrer voltou à cama. No Dia das Almas foi ao cemitério e voltou sentindo-se fraco, muito fraco...

- Como se portou ele diante da doença e da morte?

- Ah, muito bem, com tranquilidade. Deu-se conta de que não ficaria aqui por muito mais tempo e transferiu todos os bens aos filhos.

Antes de morrer pediu para ser levado ao cemitério na carroça do Alexandre Kozievitch. O Alexandre disse: "o que que é

destaque, não?

- Só era! Desaque! A professora era realmente muito valorizada pelos pais e alunos.

Em 1955 fui nomeada pelo Estado e passei a trabalhar na Escola Bartolomeu Mirre, no primário. Depois lecionei no Colégio Monsenhor Guilherme, no Colégio Agrícola, na Escola Normal.

- E de 1970 a 1980 foi inspetora de ensino de 1o. Grau...

- Sim. E ao mesmo tempo lecionava.

- E José Leopoldino Neto, seu marido, como apareceu na sua vida?

- Ele veio do Rio Grande do Norte, como marinho. Veio trabalhar na Marinha em Foz porque era da Escola Naval. Foi quando a Marinha em Foz ganhou três lanchas. O Neto veio para cá em 1950, para ficar 20 dias, mas acabou ficando pelo resto da vida. Ele saiu da Marinha, mas depois, em 1956, voltou à Marinha como funcionário civil.

- O José Leopoldino Neto se dedicou a que atividades, principalmente?

- Ah, acho que é mais fácil dizer o que o Neto não fez. Teve restaurante, fábrica de móveis, porto de areia, gráfica, foi taxista...

isso? "Mas meu pai insistiu: "Não, Alexandre, você promete a mim que vai me levar, porque não quero dar trabalho a ninguém quando morrer".

- Ele foi atendido nesse desejo?

- Foi. Além disso, antes de morrer, uns dez dias antes de morrer, ditou para mim o anúncio de sua morte para ser "irradiado" pelo serviço de alto-falantes que funcionava na Avenida Brasil. Depois que ele ditou e eu escrevi, tive que ler para ele dizer se estava bom assim.

- O aviso foi ao ar pelo alto-falante?

- Foi. E antes de morrer ele recebeu diversas vezes a Extrema-Unção, que chamavam de "menina dos meus olhos". Deu exemplo de resignação. Inclusive dava força para os filhos e a mãe. Chamou todos e disse o que queria que fizéssemos na vida, os cuidados que devíamos ter com a mãe.

- Bem, mas é preciso falar da professora Leticia Pasa Leopoldino, não só do pai dela. Como foi sua infância, sua juventude na Foz do Iguaçu daqueles tempos? Dá vontade de voltar?

- Ah, daí! Não havia maldade, desconfiança, medo. Era uma pureza... Todo mundo era tão simples e se dava tão bem! Não havia o egoísmo, o perigo de hoje. Hoje a criança vive aprisionada.

- A senhora fez o curso normal (magistério)?

- Sim, depois fiz curso de aperfeiçoamento em ciências, em Curitiba.

- Em Matelândia ou na Colônia Gaúcha, a professora era personalidade de



Madalena Aquino Martins

"As autoridades da cidade, todas traziam os ternos de linho para eu passar."

Cidadã de três países (Paraguai, Argentina e Brasil) ao longo de seus 90 anos de vida - com fôlego para muitos mais -, Madalena Aquino Martins vive com um neto (Moacir) numa rústica casa de fundo de quintal, no centro de Foz do Iguaçu. Nasceu e viveu no Paraguai até os 15 anos. Depois muitos outros na Argentina e Brasil (Juvêncio Mazzarollo)

- Nasceu onde e quando, dona Madalena?
 - Nasci em 1904, em Encarnação, no Paraguai, mas fui criada na Argentina porque minha mãe era argentina e nos levou a todos para lá. Fomos para Alvear, Província de Corrientes.
- Que idade a senhora tinha quando saiu do Paraguai?
 - Tinha uns 15 anos.
- O que recorda de sua vida no Paraguai?
 - Quase nada lembro do Paraguai. Minha mãe não tinha capacidade para nos ensinar. No Paraguai vivíamos na agricultura, na terra.
- Por que sua mãe decidiu sair do Paraguai e ir à Argentina?
 - Porque ela era de lá. Meu pai, Irineu Aquino, morreu jovem e minha mãe ficou com dificuldade para manter a família. Eu tinha dois irmãos, que hoje já são falecidos. Minha mãe resolveu ir à Argentina para meu irmão mais velho poder trabalhar, porque no Paraguai não havia serviço.
- Foram fazer o que na Argentina?
 - Minha mãe trabalhava de empregada doméstica e meu irmão trabalhava num hotel muito grande em Corrientes. Mas houve uma greve onde meu irmão estava empregado, e ele perdeu o emprego, então veio procurar trabalho no Brasil. Ele arrumou emprego em Guaira. Mudamos para lá em 1926.
- A senhora teve oportunidade de aprender a ler e escrever?
 - Eu fui muito pouco à escola, mas aprendi a ler e escrever. Ir à escola era difícil.
- Quer dizer que para aprender alguma coisa a senhora teve que estudar escondida dos pais e irmãos?
 - É, sim. Assim fui aprendendo. Coisa mais terrível essa...
- Ficaram muito tempo em Guaira?
 - Muito tempo, mas não sei quantos anos. Depois o meu padasto mudou para Foz do Iguaçu. Vimos para cá e daqui não saímos mais. Na época em que mudamos para Foz do Iguaçu trabalhávamos com erva-mate. A erva-mate era tirada do mato e embarcada no rio Paraná.
- A senhora casou em Foz do Iguaçu?
 - Sim. Casi aqui com Pedro Martins, irmão do Manêncio Martins. Meu marido era policial, um brasileiro do Rio Grande do Sul. Tivemos três filhos. Minha mãe teve dois varões e uma mulher; eu tive um varão e duas mulheres.
- Quem deles ainda vive?
 - Só minha filha, em Porto Alegre.
- Tem alguma história de algum fato marcante na atividade policial de seu marido?

- Não. Lembro, por exemplo, que ele ia de Foz do Iguaçu a Guaíra a cavalo, à procura de bandidos.

- Soube se ele passou por perigo de vida em enfrentamentos com bandidos?

- Que eu tenha tomado conhecimento, não. Naquele tempo quase não havia bandidos. Não era como hoje. Hoje há muitos ladrões, muitos assassinos. Naquele tempo a polícia tinha pouco trabalho. E meu marido era bem relacionado com todo mundo.

- E a senhora trabalhava? Fazia o quê?

- Eu trabalhava em casa. Mas, não sei como, pessoas da cidade descobriram que eu passava roupa muito bem. Sabia passar ternos muito bem. E naquele tempo os homens usavam muito o terno. Todos traziam os ternos à minha casa para limpar e passar. As autoridades da cidade, todas traziam os ternos para eu passar. Eram ternos de linho. Certos dias minha casa ficava cheia de ternos pendurados pelas paredes. Quando colocaram a primeira tinturaria na cidade fui convidada a trabalhar lá, para ensinar a passar roupa. Eu não pude aceitar porque tinha que cuidar de minha casa, meu marido e meus filhos. Uma vez me trouxeram um par de bombacha de gaúcho para passar. Foi a primeira e última vez que passei uma bombacha. É muito trabalhoso, por isso nunca mais peguei bombacha para passar. Os gaúchos vinham do Rio Grande do Sul, se hospedavam no hotel do Pedro Basso e vinham à minha casa pedir para passar bombacha, mas eu não pegava.

- Ganhava bem para passar roupa?

- Ganhava. Mas depois meu marido não me

deixou mais trabalhar porque não era necessário. Ele ganhava o suficiente para a família viver bem.

- A convivência de paraguaios e brasileiros era boa ou havia intrigas, discriminações? A senhora alguma vez se sentiu discriminada por ser paraguaia?

- Não, nunca ninguém me incomodou por isso. Hoje não sei como está porque eu não saio para lugar algum. Quando viemos da Argentina para o Brasil, ao passar por Foz do Iguaçu eu pensei comigo que nunca iria viver neste desterro. Pedi a Deus que não me acontecesse de ter que viver num lugar como era Foz do Iguaçu.

- E numa ironia do destino...

- Acabei morando aqui. Eu também não queria me casar com o Pedro Martins, que conheci em Guaíra. Ele era chamado de "Gaúcho". E na Argentina chamava-se "gaúcho" a quem tivesse muitas mulheres. Só depois fiquei sabendo que no Brasil gaúcho é quem é natural do Rio Grande do Sul. Nós ficamos juntos muitos anos sem nos casarmos. Depois ele quis fazer o casamento para garantir para mim nossa propriedade se ele morresse. Ele tinha muitos irmãos, que teriam direito sobre a propriedade dele se nós não casássemos.



Arquivo família Vera

Festa de início da construção do prédio do Banco do Brasil em Foz (atualmente ocupado pela Polícia Federal) no final da década de 40



Arquivo família Vera

Primeiro dia de aula da turma de 1956 do Magistério em Foz do Iguaçu. À frente, a professora Ilka Vera.

Retratos Foz do Iguaçu



Arquivo família Maciel

Comemoração do aniversário de Foz na década de 50 em frente da Prefeitura - As professoras Terezinha Vera, Beatriz Aguirre, Izolete Nieradka, o funcionário público José Maciel e Anérís Jeronimo.



Arquivo família Vera

O presidente do Brasil, JK, cumprimenta o então prefeito de Foz, Jacob Becker - observados pelo promotor Saulo Ramos.



Alvaro Martins

Manêncio Martins

"Cheguei aqui em 1911. Os índios viviam em ranchos entreverados com o povo da vila"

- Como era Foz do Iguaçu quando aqui chegou em 1911?

- Isto aqui era tudo matão. Até índio havia ainda. Viviam em ranchos e estavam entreverados com o povo da vila. Chamava-se Vila Iguaçu. Eu vim com meus pais e irmãos do Rio Grande do Sul. Tinha 15 anos.

- Que caminho seguiram para vir do Rio Grande do Sul?

- Fomos até Corrientes e Posadas. De lá viemos de barco até Foz do Iguaçu, mas antes ficamos uns anos morando na Argentina.

- Nessa época, o líder maior de Foz do Iguaçu era Jorge Schimmelpfeng. Que lembra dele?

- Era um homem muito bom. Dava a mão a todo mundo. E quando ele dava um grito do o povo ia para lá.

- O senhor fazia o quê?

- Fiz de tudo um pouco. Certa ocasião, a pedido do prefeito, fui carcereiro. Havia um preso que nenhuma grade segurava. Diziam que era um feiticeiro. A polícia o prendia de manhã e quando era noite ele já havia fugido da cadeia. O prefeito, que era também uma espécie de delegado, ficava danado da vida.

- O que lembra de sua juventude vivida no matão que isto aqui era?

- Eu gostava muito de bailes que aconteciam nas casas de família.

Havia um sujeito que tinha um cavalo muito bonito e gostava de se mostrar para as moças. Naquele tempo, ter um cavalo bonito era o mesmo que hoje ter um carro bonito. Um dia, lá pelos lados de Sanga Funda, nossa turma decidiu cortar o rabo do cavalo. Deu uma briga danada.

- Quem eram seus amigos?

- Jorge Schimmelpfeng, Acácio Pedroso, Inácio Manoel Ramos... Foram tantos que não haveria espaço para todos no jornal.

- O senhor estudou? Frequentou escola?

- Não, porque aqui não havia escola. Não aprendia a ler e nem escrever. Quem queria estudar tinha que ir a Guarapuava.

- E em matéria de religião o que havia na cidade?

- No começo, praticamente não havia religião nem padre. Um dia, monsenhor Guilherme veio à minha chácara e me levou para casar na igreja.

- Seu pai fazia o quê?

- Ele tinha um alambique no bairro Boicy. Fazíamos pinga da boa. Ao redor do alambique sempre havia um grupo de gente provando a purinha. Mas era nas rinhas de galo que mais se bebia pinga.

- Rinha de galo? Havia muito disso?

Quando deu esta entrevista, Manêncio Martins, aos 88 anos de idade, era o morador mais antigo de Foz, onde havia chegado em 1911, aos 15 anos. Mesmo com a memória bastante apagada, conseguiu passar suas vivências e impressões. Segundo seus descendentes, porém, a figura de Manêncio Martins é mais importante nesta história do que ele próprio consegue retratar aqui. (Juvêncio Mazzarollo)

- Houve um tempo em que era o esporte da cidade. Aos sábados era um desfile só de pessoas com galo embaixo do braço passando pelas ruas. Cada galo que era uma boniteza! Durante as brigas de galo tomava-se muita cachaca, e quando terminava a briga dos galos começava a dos homens.

- Não tem alguma história de animais selvagens, feras existentes na região?

- Certa vez apareceu uma onça que perturbava todo mundo, na área entre o estádio do ABC e o bairro Boicy. A polícia ia atrás do bicho para matá-lo mas não conseguia. Quem acabou conseguindo matar a onça fui eu, e comi a carne dela. É uma carne muito boa.

- O que lembra da invasão de Foz do Iguaçu pelos revolucionários da Coluna Prestes em 1924?

- Todo mundo se mandou para Argentina, com muito medo, porque diziam que eles vinham para matar meio mundo. Alguns ficaram por aqui, mas a maioria preferiu não arriscar o couro. Nós também fomos à Argentina e ficamos lá até terminar a confusão. Abandonamos roças, criações e ranchos. Mas era tudo boato, porque as revolucionários respeitavam a todos. Prestes, Cabanas e outros chefes revolucionários eram moços de muita educação.

- Quando voltaram da Argentina, o que encontraram nas casas e roças que haviam abandonado?

- Quando voltamos, metade dos animais tinham se perdido. Mas ficaram as terras, que eram cedidas pela Colônia Militar. Davam as terras aos interessados sem sequer medi-las.

O comandante dizia: "Entra lá naquela área de mato e veja um bom lugar para você".

- Quando e como Foz do Iguaçu começou a ter algum progresso?

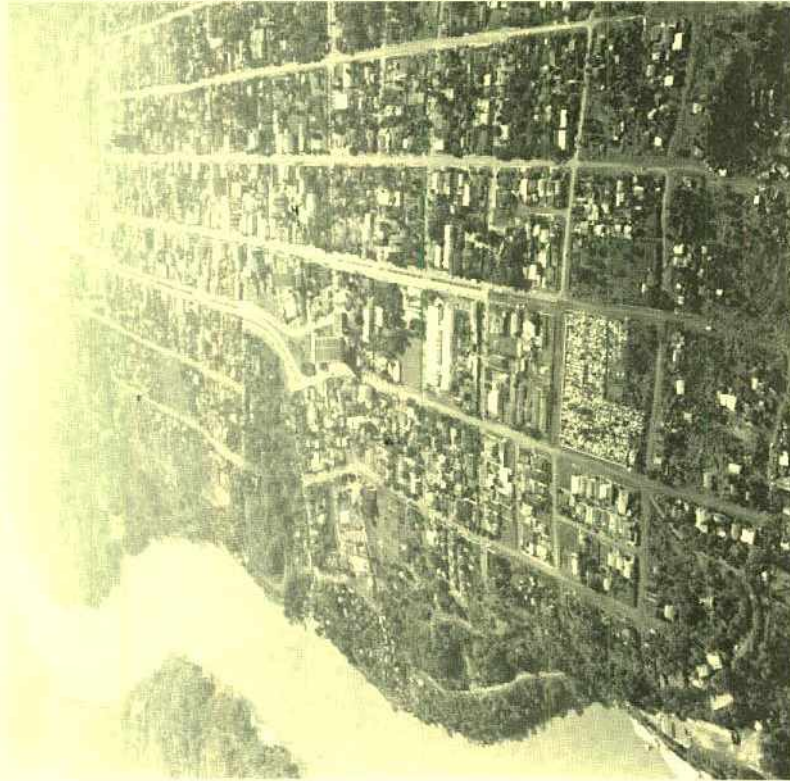
- Foi no Governo do presidente Getúlio Vargas. Lembro de uma vinda dele para cá. Veio de helicóptero e o povo dizia que era um carro sem carroceria. Getúlio se hospedou no Hotel Cassino Iguaçu, onde leu um discurso e deu a mão a todos os presentes. Foi quando veio para inaugurar o calçamento da Estrada das Cataratas com pedras. Levaram dois anos para fazer aquela obra. Depois da vinda de Getúlio Vargas a cidade começou a melhorar e crescer. Abriam ruas e estradas

- O senhor era eleitor de Getúlio Vargas?

- Era não só eleitor dele, mas também fazia campanha para ele.

- Quais são os fatos mais marcantes que guarda na memória?

- A rinhas de galo, os bailes, a onça que matei e comi, a chegada do carro de Jorge Schimmelpfeng, a explosão de um barco no rio Paraná, a chegada dos revolucionários em 1924, o incêndio da igreja e 1925, o incêndio do hotel de Frederico Engel, a visita de Getúlio Vargas, a visita de Santos Dumont, a morte de Jorge Schimmelpfeng e a venda de minha chácara, que ficava na área onde está o Hotel Carimã. Vendi por quatro mil e quinhentos cruzeiros. E tenho muita saudade dos amigos que morreram.



Joel Petroski

Vista aérea geral de Foz do Iguaçu em 1980

Retratos

Foz do Iguaçu

(Extraído do "Nosso Tempo". Edição de 14/10/81)

Maria Inês Mazzacato Maran

"A população da cidade comprava tudo na Argentina. Nós produzíamos tudo. Não conseguimos vender e tivemos que jogar tudo fora"



Nascida no Rio Grande do Sul em 1910 e residindo em

Foz do Iguaçu, em Três Lagoas, desde 1933, Maria

Inês Mazzacato Maran é típica "mulher forte" de que fala a Bíblia, referência que vem a propósito de sua profunda religiosidade. Cerca

de filhos (15), netos (46), bisnetos (30), tataranetos (2), árvores, plantações e animais, vive de amor e alegria, das recordações que guarda como um "sonho". (Juvêncio Mazzarollo)

- O que seus pais contavam da Itália, onde viveram até a adolescência, por que e como vieram ao Brasil?

- Vieram com um grupo de migrantes, no fim do século passado. Alguns do grupo voltaram depois à Itália, com meus avós por parte da mãe, que não se adaptaram no Brasil. Meu avô trabalhava numa fábrica de tecidos na Itália e não se acostumou no Brasil. Meu avô por parte do pai se estabeleceu em Guaporé, RS, trabalhando na roça. Em 1916 morreram meu pai e minha irmã de 4 anos de tifo, com quinze dias de diferença entre uma morte e outra.

- E a migração para Foz do Iguaçu como se deu?

- Casei com João Ricieri Maran e, quando tivemos o primeiro filho, fomos para Barracão, SC, onde já estavam dois irmãos do meu marido. Ficamos lá quatro anos. Não havia escola, igreja, moínho, hospital, nada. Não vi um padre naqueles quatro anos. Formamos um canavial para produzir cachaca, melado, rapadura, açúcar preto. Mas era difícil vender qualquer produto e ganhar algum dinheiro. Era preciso ir até Santo Antônio do Sudoeste, PR, com burro de cargueiro para vender cachaca. Aí tivemos uma encrenca com um caboclo e eu não quis mais viver em Barracão. Apareceu lá um homem oferecendo terras em Foz do Iguaçu. Meu marido veio ver, comprou terra, fez roça e então foi buscar a família, em agosto de 1933.

- Seu marido veio sozinho se embrenhar no mato e fazer roça?

- Ele trouxe junto alguns peões para ajudá-lo.

- Ele comprou de quem a terra?

- Do governo. Eram as chamadas terras devolutas da União. Meu marido requereu e conseguiu a terra.

- Quantos filhos a senhora teve?

- Tive 15 filhos, que me deram, até agora, 46 netos, 30 bisnetos e 2 tataranetos. Mas um dos meus filhos morreu num acidente aos sete meses de vida.

- Que acidente?

- Meu marido carregou a espingarda para matar raposas e outros bichos que atacavam nossa criação. Como naquele dia não apareceu nenhum animal, não atirou e guardou a espingarda carregada embaixo do colchão. Era verão, muito quente. Meu marido foi à roça e pediu que mais tarde eu levasse água para ele. Quando saí para levar a água, dei-xei as crianças em casa. Ao chegar onde meu marido estava trabalhando ouvimos um disparo de espingarda dentro de casa. Corremos para lá assustados. As crianças haviam achado a espingarda e, brincando, dispararam acidentalmente. O tiro acertou o rosto do bebê. Quando chegamos no quarto ele estava morto.

- Um choque tremendo, não?

- Terrível, um drama para toda minha vida. Era um bebê robusto, lindo, já engatinhava. O menino que disparou o tiro tinha seis anos. Apavorado, o menino que atirou foi se esconder no mato. Só voltou

para casa à noite, devagarinho, cheio de medo. Mas nós nem sequer o repreendemos, porque foi um acidente, ele não teve culpa. Anos depois, outra tragédia.

- Outra tragédia? O que aconteceu dessa vez?

- Um netinho nosso pegou bicho-de-pé e, certo dia, começou a passar mal. Levamos ao médico, que diagnosticou tétano. O médico logo nos disse que não havia cura, e de fato o menino morreu.

- Mas a vida da família continuou...

- Com a graça de Deus. Algum tempo depois disso mudamos para Campo Mourão.

- Por quê? Para fugir do drama da morte do bebê e do menino?

- Não. Mudamos porque em Foz do Iguaçu não havia comércio para o que produzíamos na roça. A população da cidade comprava tudo na Argentina. Nós produzíamos de tudo. Arroz dava que era uma maravilha. Mas só quem comprava nossos produtos, e nem sempre, era o quartel do Exército. Certa vez, por exemplo, tivemos uma belíssima safra de feijão, mas não conseguimos vender e tivemos que jogar tudo fora.

- Desse jeito, o melhor mesmo era se mandar de Foz do Iguaçu...

- Além de tudo isso, sofremos um assalto aqui na roça, e meu marido então decidiu se mudar para a cidade e abrir comércio no bairro Boicy.

- Foram assaltados na roça? Como foi isso?

- Fomos assaltados por paraguaios. O Para-

guai estava em revolução e muitos paraguaios fugitivos vinham para cá roubar ou buscar trabalho. Certo dia, à tardinha, eu e meu marido estávamos fazendo uma cerca, quando apareceram quatro paraguaios. Antes que chegassem perto, meu marido já foi me dizendo: "Esses chiruns querem trabalho, mas não vou dar". Eles se aproximaram e logo apontaram os revólveres gritando: "O senhor está preso!" Meu velho perguntou: "Quem são vocês?" E eles: "O senhor vai ver quem somos". Dominaram meu marido e o amarraram a uma árvore com as mãos atadas às costas com cipó. Então entraram na casa e reviraram tudo.

- E levaram o que puderam carregar...

- Sim. Fizeram uma "limpa". Levaram inclusive duas espingardas e um revólver. E levaram também dinheiro - quatro contos de réis, um bom dinheiro na época. Por sorte, havíamos emprestado cem contos a um comerciante de Ponta Grossa. Era muito dinheiro. Se tivéssemos em casa, os ladrões teriam levado. Mas eles queriam mais dinheiro, e nós explicamos que havíamos emprestado. Até mostramos a nota promissória. Os bandidos prometeram que quando recebéssemos o dinheiro voltariam para roubá-lo. Meu "velho" se aborreceu com aquilo, pegou de volta os cem contos e abriu comércio na cidade, abandonando a roça. Mas fomos mal no comércio. Certo dia, um viajante nos aconselhou a ir a Campo Mourão, dizendo que lá era lugar de futuro. Mudamos para lá e ficamos sete anos, com comércio. Houve, porém, secas e geadas que destruíram os cafezais e por isso nosso comércio caiu violentamente. Decidimos então voltar a Foz do Iguaçu.

- Voltaram para fazer o quê?

- Comprar uma serraria movida a água do rio Boicy. Aconteceu depois uma seca tão forte que o rio quase secou e a serraria teve que parar. Largamos então a serraria e voltamos para a roça, porque não tínhamos vendido a terra - esta mesma que compramos quando viemos do Rio Grande do Sul e onde estamos até hoje. Na ocasião, meu genro Haroldo Rover, nosso sócio na serraria, foi trabalhar na construção do Hotel Salvatti, lá por 1970.

- Pelas fotografias e pelos motivos religiosos que se vêem na sua casa, a senhora é muito religiosa, católica fervorosa, não?

- Graças a Deus. Naquela época em que viemos a Foz do Iguaçu não havia escola, então colocamos nosso primeiro filho na casa do padre para que pudesse estudar. O padre, a cada seis meses, vinha rezar missa aqui em casa. Monsenhor Manoel Konner veio duas vezes à nossa casa batizar as crianças das famílias que moravam por aqui e rezar missa. Também fazíamos festas e bailes em nossa casa para todos os que moravam nesta área. Vinham paraguaios e índios que moravam no lugar hoje chamado de Gleba Guarani.

- Havia muitos índios por aqui?

- Havia. Vinham muito à nossa casa. Eram mansos, mas me roubaram muita galinha. Vinham também pedir trabalho. Vinham aos bailes, de gravata...

- Índio de gravata?

- Índios de gravata, sim!

- Os bailes nunca acabavam em confusão, brigas?

- Não, nada disso. Era só festa, alegria.

(Reconstruído da Carta do Iguaçu - Edição de 12/09/93)

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Encontro festivo na avenida Brasil: da esquerda para direita, Carlos Sottomaior, Érica Welter e José Machado Portinho



Reprodução

Autoridades visitam as obras do Hotel das Cataratas. Da esquerda para direita, Estanislau Zambrinski Júnior, Rui Gandara, Romário Vidal, Carlos Sottomaior e Dr. Dirceu Lopes.



Maria Odete Rolon

"A Colônia Militar cedia terras em Foz mediante apresentação de um simples requerimento"

Natural de Yuti, Paraguai,

Erasto Rolon, nascido em 1883, migrou para o Brasil e se estabeleceu no Rio Grande do

Sul. Casou e sua lua-de-mel foi a viagem de migração para Foz do Iguaçu. Aqui chegou com a mulher, Carlota Aires Rolon, em 1904. O casal teve

14 filhos (7 homens e 7 mulheres), dos quais vivem 5, entre eles a caçula da família,

Maria Odete Rolon,

Procissão da festa de São Cristóvão

nos anos 50

Desfile do Colégio

Monsenhor Guilherme nos anos

60

Casa Escolar Jorge Schimmelpfeng

- Onde se originou o ramo da família Rolon que se plantou, criou raízes e cresceu em Foz do Iguaçu?

- No fim do século passado, ainda jovem, meu pai foi aconselhado por seu irmão a fugir para o Brasil, para as estâncias do Rio Grande do Sul, porque o Paraguai estava para entrar em revolução ou guerra civil. Muitos paraguaios debandaram. Meu pai foi para Santo Angelo, Rio Grande do Sul, numa caravana de oito pessoas com 60 burros. No grupo estava também um irmão do meu pai, que sumiu e ninguém sabe que fim levou. Em Santo Angelo meu pai foi trabalhar na fazenda do que viria a ser meu avô por parte da mãe.

- Lá, "seu" Erasto Rolon casou com a filha do fazendeiro, que viria a ser sua mãe...

- Sim. Casaram em 1904, ele com 21 anos e ela com 15. Casaram em San Pedro, Argentina, porque no Brasil não havia casamento civil. Só 20 anos depois meus pais casaram no civil no Brasil.

- Quando e por que seus pais vieram viver em Foz do Iguaçu?

- Logo após o casamento. Como minha mãe tinha apenas 15 anos, minha avó quis vir junto. E vieram também um tio e uma tia nossa. Cruzaram para a Argentina e foram a cavalo até Posadas, saindo de lá de barco até Foz do Iguaçu. Meu pai nunca mais voltou ao Rio Grande do Sul nem ao Paraguai.

- O que os atraiu para cá? Vieram fazer o quê?

- Foram atraídos pelas terras da região. Meu pai tinha certo conhecimento desta região e certo preparo para a agricultura. Conseguiu terras às margens do rio Tamandua. A Colônia Militar cedia terras mediante a apresentação de um simples requerimento dos interessados.

- A lua-de-mel de seus pais, então, foi uma épica viagem do Rio Grande do Sul a Foz do Iguaçu?

- É. Casaram no dia 12 de dezembro e chegaram aqui no dia 27, em 1904.

- Viviam de que nos primeiros tempo?

- Viveram da agricultura até 1920, quando meu pai resolveu se estabelecer com comércio na cidade, nesta mesma área onde moramos hoje, no bairro Boicy. Em 1924, com a invasão de Foz do Iguaçu pelos revoltosos da Revolução Paulista, a família teve que se refugiar na Argentina. Lá meu pai passou a trabalhar com erva-mate até 1928, quando construiu um casarão na avenida Jorge Schimmelpfeng, para moradia e comércio. Logo que saíram os revolucionários em 1925, minha mãe voltou a Foz do Iguaçu e foi morar na casa de minha avó.

- Quando faleceram seus pais, Erasto e Carlota Ayres Rolon?

- Meu pai faleceu em 1938, aos 55 anos de idade, quando eu tinha apenas 4 anos, e minha mãe faleceu aos 82 anos em 1971.

- Teria algum outro fato marcante da vida da família Rolon?

- Um irmão meu foi assassinado na Argentina, quando lá trabalhava com meu pai na erva-mate. Ele e outro irmão iam ao acampamento da obre com o dinheiro para o pagamento dos peões e sofreram uma emboscada. Para roubar o dinheiro, o próprio compadre matou meu irmão. O outro conseguiu escapar escondendo-se no mato, mas assistiu à morte do irmão.

- **Passando para a sua própria história, que oportunidade teve de estudo, de trabalho?**

- Fiz o curso primário na Escola Bartolomeu Mitre, a primeira da cidade, fundada em 1928, em frente à Praça Getúlio Vargas. A escola tinha 10 salas de aula e funcionava de manhã e à tarde. A diretora era Ruth Pedroso. Terminado o primário, eu não sabia se ia a Curitiba estudar ou se ficava por aqui fazendo crochê. Minha mãe não queria que fosse. Queria que fizesse curso de datilografia para trabalhar em escritório. Nessa época as Irmãs Vicentinas construíram o Instituto São José, inaugurado em 1949. Lá fiz o ginásio. E depois cursei o normal regional.

- **E faculdade?**

- Só pude cursar faculdade em Guarapuava, indo para lá todos os fins de semana, de 1970 em diante. Muitos professores de Foz do Iguaçu e da região cursaram faculdade lá. Devo muito àquela faculdade. Aliás, sempre tive ótimos professores.

- **Mas sua história em sala de aula e escola é maior como professora do que como aluna, não?**

- É verdade. Comecei a lecionar em 1950, enquanto cursava a normal regional. Comecei lecionando aos sábados para soldados analfabetos do quartel. Em 1953, como professora municipal, fui designada para lecionar em Guaíra, que pertencia a Foz do Iguaçu. Lecionei lá até 1956, mas minha mãe achou melhor eu voltar. Voltei e saí do magistério.

- **Como era Guaíra naquela época?**

- Uma cidade pequena, habitada mais por argentinos do que brasileiros. Era “estrangeiro” quem falasse português. Quem mandava na vila era a Companhia Mate Laranjeira. Guaíra era uma miniatura de cidade, com água encanada, bem urbanizada, tudo feito pela Mate Laranjeira, criada pelos ingleses para a extração de erva-mate e depois passada aos argentinos.

- **A senhora deixou o magistério para trabalhar em quê?**

- Fui trabalhar no Escritório Contábil Tirã, de Julio Rocha Neto. Trabalhei lá de 1956 a 1960, quando me formei na escola normal, hoje curso de magistério a nível secundário, e voltei a lecionar. Daí para a frente nunca mais saí do magistério. Em 1960, o governador Moisés Lupion começou a

nomear todos os professores estaduais. Fui a Curitiba tentar minha nomeação. Na Secretaria da Educação disse que queria falar com o governador. Riram de mim. Deram-me um formulário para preencher um requerimento. Eu disse que sabia redigir e não precisava de formulário. Redigi o requerimento e dias depois estava nomeada. Na minha vida escolar, como aluna ou professora, passei por todas as leis, todas as reformas de ensino do país.

- **Como assim?**

- Fui diretora da Escola Bartolomeu Mitre de 1963 a 1967. Em 1968 fui inspetora de ensino primário e no ano seguinte voltei à sala de aula como professora suplementarista. Em 1970 fiz uma viagem de 40 dias à Europa, o que me ajudou muito como professora de geografia. Sou licenciada em geografia, com especialização em geografia humana e turismo. Aliás, sou professora do curso de turismo da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu (Facisa). Também fui vice-diretora do Colégio Monsenhor Guilherme e, de 1974 a 1983, inspetora de Ensino de 2º Grau. Em 1983 me aposentei pelo Estado e voltei à Escola Bartolomeu Mitre. Em 1988 me aposentei pelo segundo padrão e parti para as escolas particulares.

(Extrato da “Carta do Iguaçu” Edição de 26/02/94)

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

O então governador do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto sendo recepcionado no antigo Aeroporto de Foz (hoje, Gresfi).



Reprodução

Propaganda eleitoral no Bar Palma, em 1946



Arquivo da Família Schinke

Marieta Schinke

"Dancei uma valsa com Santos Dumont. Ele era uma ótima pessoa"

Nascida em Palmeira, Paraná, em data imprecisa no início do século XX, Marieta Schinke migrou para Foz do Iguaçu também em data imprecisa, mas aqui viveu uma longa e divertida história até 1984, quando faleceu. Seu marido, Harry Schinke, foi o primeiro fotógrafo de Foz do Iguaçu. São dele as imagens mais antigas que a história de Foz do Iguaçu registra, como conta Marieta nesta entrevista.

(Aluizio Palmar)

- O que aconteceu com as fotografias de "seu" Harry Schinke, o primeiro fotógrafo de Foz do Iguaçu?

- Sumiram. Havia aqui em casa caixões de fotografias de grande valor histórico, mas nada sobrou. A Prefeitura, a Câmara de Vereadores e colégios levavam fotos para exposições e não devolviam.

- Em que ano Harry Schinke chegou a Foz do Iguaçu?

- Em 1922. Veio para trabalhar em profilaxia. Antes dele quem fazia isso era um tal de Castilho, muito bom profissional, mas que não se dedicava só à profilaxia. Mesmo assim ajudava muito o povo. Castilho foi embora e "seu" Schinke, a pedido do médico Amílcar Barca Pellón, assumiu a função. Harry era um artista também. Junto com o prefeito Jorge Schimmelpfeng formou um grupo de teatro.

- Com eles como atores?

- Sim. Jorge Schimmelpfeng era um entusiasta do teatro. Lembro de uma peça que apresentaram em que ele, que era gordo e baixo, fez papel de padre. E o médico Amílcar fez o papel de um advogado. Era muito engraçado e todo o povo assistia. Vinha gente da roça e até do Paraguai e da Argentina para assistir o teatro. Naquela época passavam por aqui muitos barcos a vapor e às vezes permaneciam aqui vários dias. Uma dessas paradas aconteceu justamente no período de Natal em que estava sendo apresentada a peça do padre e do advogado. Os argentinos que estavam na cidade foram assistir e distribuíram bolachas, vinho e champagne à platéia.

- Mas quer dizer que a memória fotográfica de Foz do Iguaçu só começa com Harry Schinke?

- Sim, porque antes só turistas tiravam fotografias, mas só das Cataratas e dos rios, ao passo que o Harry foi o primeiro a registrar os aspectos da cidade e do povo.

- Como ele fazia para revelar as fotografias?

- Ele trouxe uma máquina reveladora e ele próprio preparava os compostos químicos para a revelação e fixação da imagem. Ele já tinha certa prática, e depois aprendeu técnicas novas com um alemão que aqui chegou.

- A história de Foz do Iguaçu começou a ficar registrada pela lente de Harry Schinke...

- Sim, ele era muito curioso e queria sempre registrar tudo o que acontecia. Era também muito corajoso. Fotógrafo tem que ser assim. Fotografou inclusive a Coluna Prestes.

- O que a senhora lembra da passagem da Coluna Prestes por Foz do Iguaçu?

- Quando chegou a Coluna Prestes, Harry estava em Guaíra fazendo recenseamento. Eu e os filhos fugimos para a Argentina. Poucas famílias permaneceram em Foz do Iguaçu. Lembro que os Engel e Arzoategui ficaram na cidade. Os Schimmelpfeng também fugiram para a Argentina.

Retratos

Foz do Iguaçu

- Enquanto "seu" Schinke, certamente, foi ao encontro dos revolucionários pra fotografá-los?

- Sim, e ficou muito admirado com a audácia e com o ideal daqueles homens rudes. Ficou muito amigo de Luiz Carlos Prestes.

- Então os revolucionários não eram o bicho-papão que muitos pintavam?

- Que nada. Eram gente muito boa. Só para dar um exemplo: um oficial da Coluna Prestes foi à Argentina e quando nos viu cozinhando ao relento e nos abrigo em casebres de palha, pediu que voltássemos a Foz do Iguaçu, que eles nos dariam proteção. A luta deles era para mudar o país de modo que a vida do povo melhorasse. Mesmo assim, tínhamos muito medo.

- O que mais lembra da Coluna Prestes?

- Lembro que era formada por jovens altos, fortes e bonitos, muito bem educados. Foi uma pena que tenham perdido a revolução. Se tivessem vencido, acho que hoje o Brasil estaria melhor.

- Mas os revolucionários deixaram pelo menos um morto na passagem por aqui...

- Pelo que sei, só foi morto o escrivo Sá Ribas. Contavam que ele teria iludido uma moça e foi morto por um oficial irmão dela, por vingança.

- Outros contam que Sá Ribas foi morto porque desobedeceu a proibição de

vender gado no Paraguai.

- É outra versão... Qual é a mais correta não sei.

- E as tropas governistas que vieram expulsar os revolucionários, como se comportaram?

- Muito mal. Roubaram cavalos, gado e mantimentos do povo.

- Onde foi parar a máquina fotográfica de "seu" Schinke?

- Ele a deu de presente a um rapaz que apareceu por aqui e ficou morando em nossa casa, inclusive ajudando na construção dela. Ele aprendeu fotografia e então passamos a ser quatro trabalhando nisso - o Harry, eu, nossa filha e esse rapaz, de nome Valentim.

- Que fotos a senhora classificaria como as mais importantes entre as tantas que fizeram?

- O incêndio da igreja de madeira, os primeiros aviões que aqui chegaram, a descida do primeiro hidroavião...

- Não fotografou Santos Dumont quando veio aqui?

- Houve uma grande festa, baile e tudo mais. Eu dancei uma valsa com Santos Dumont. Era uma pessoa ótima.

- Quem trouxe Santos Dumont a Foz do Iguaçu?

- Jorge Schimmelpfeng, prefeito da época.

Soube que Santos Dumont estava na Argentina e foi buscá-lo.

- Quando faleceu Harry Schinke?

- Faleceu há cinco anos.

- É verdade que ele foi um dos primeiros a ter carro em Foz do Iguaçu?

- É verdade. Tinha um Ford "bigode" que ganhou de um argentino que o trouxe de contrabando. Harry ganhou o carro de presente de uma família argentina a quem socorreu e curou de impaludismo e de catapora, como prático em profilaxia que era. Certo dia, recebeu um recado de que deveria ir ao porto, onde teria uma surpresa. Foi até lá e encontrou dois rapazes argentinos com o carro. Eles disseram: "Este é o presente que papai mandou para o senhor".

- O que sabe a respeito do contrabando de pneus para a Argentina com destino à Europa, para as tropas de Hitler na II Guerra Mundial?

- De dia e de noite havia gente rolando pneus na barranca do rio Paraná. Certa vez apareceram uns pneus no fundo do nosso quintal. Nós nem mexemos nos pneus. Depois, os que os haviam deixado lá levaram não sei para onde.

(Extrato do "Nosso Tempo" - Edição de 14/01/81)



Arquivo Família Mactel

Casa Escolar Jorge Schimmelpfeng participa do desfile do Dia do Município nos anos 60, na avenida Brasil.



Arquivo Família Mactel

Procissão da festa de São Cristóvão nos anos 50



Arquivo Família Mactel

Desfile do Colégio Monsenhor Guilherme nos anos 60



Áurea Cunha

Miguel Marques é filho de policial militar João Marques da Silva, o famoso "João Barulho". Miguel nasceu em 29/9/40 na cidade de Posadas (Argentina) porque sua família, de origem alemã, teve que migrar para lá devido a Segunda Guerra Mundial, e veio a Foz com oito anos, é casado, tem oito filhos e uma rica lembrança de Foz das décadas de 60 e 70.

(Zé Beto Maciel)

Miguel Marques

"Na Itaipu, éramos quarenta e poucos mil homens. A gente se considerava um irmão do outro."

- A família de sua mãe, de descendência alemã, teve que se refugiar na Argentina durante a Segunda Guerra Mundial (1939/45). Como foi essa história?

- Através de navio, barco, tinha o Doratido, tinha o Salto e o Cruz de Malta que descia até Posadas. De Posadas já não descia mais porque vinha o Mar del Plata - navio maior por causa da água que era mais brava. Aí quem tinha possibilidade mandou as mulheres, quem ficou sofreu as consequências. Como diz o outro, eu fui de encomenda para lá.

- Você estudou aqui no Centro (Escola Jorge Schimmelpfeng)?

- Estudamos muito ali. Depois nós passamos ao Mitre que era mais avançado. Porque era muito longe estudar ali, porque nós morávamos no Porto Oficial. Onde era o antigo do Batalhão, que era a Companhia Isolada da Fronteira.

- Sua mãe, seu pai foram para Argentina por causa da guerra?

- Meu pai não, minha mãe foi. O meu pai ficou defendendo a pátria brasileira, minha mãe foi para Argentina com meus irmãos, o Romão Marte, o Justo, a Rita e eu. Devido a Segunda Guerra Mundial.

- Por causa da origem alemã?

- Minha mãe era argentina. Só que acontece que o meu pai era de origem alemã e eles tinham medo. Por causa da guerra eles vinham pegando jovens. Quem tinha mais possibilidade pegou o navio e se

mandou para lá. Nós chegamos de volta para Foz em 1948, quando eu tinha oito anos.

- Onde estudou?

- Estudei no Mitre, depois no São José, onde tinha a irmã Melania, que foi uma grande professora, quem me ensinou os primeiros passos. Porque é aquela história, você pode andar, mas se não tiver estudo, não pode dar os primeiros passos. Foi essa irmã, que se interessou a me ensinar. Você sabe que quando você tem outra língua, é difícil aprender duas línguas no começo. Tinha a irmã Catarina, grande irmã que me ensinou os passos mais além. Quando mudei para o Mitre - o prédio atual (no começo a escola Bartolomeu Mitre funcionou no antigo prédio da Coletoria Estadual - em frente à Câmara de Vereadores), eu estudei com dona Maria Conrado que era uma grande pessoa, todo mundo achava ela ruim, mas era o justo dela. Estudei com a ... não lembro o nome dela, a mulher do Silva Máquinas, professora que ninguém lembra quase, tem contadores, hoje em dia são contadores, professores que deram futuro, mas ninguém lembra.

- Entrou no Exército em 58?

- O contingente era com 18.

- Ficou até que ano?

- Eu vim de Curitiba, eu fiquei até 65, sofri um acidente nas (costas?) e vim pra Foz,

- Saiu como do exército? Soldado?
- Terceiro Sargento. Eu sou radiotelegrafista formado, né?
- No Exército você fez o quê?
- Radiotelegrafista. Quando eu me apresentei aqui eu já era formado
- Onde você fez esse curso?
- Agradeço a ele, dou muitos votos para que ele ainda deva ser um capitão, até maior, que é o sargento Cavalin, que na época era o comandante do destacamento da Força Aérea em Foz do Iguaçu. Ele era radiotelegrafista e foi quem me ensinou os passos dessa grande profissão, que eu principalmente achava uma profissão tão bonita. Eu falei com ele, que disse "como você é amigo meu vou te fazer até de graça". E eu acho que ele fez, fico contente com o jeito que ele procedeu comigo, aí eu trabalhei no Posto Piestch, no Araújo na av. Brasil. Trabalhava meio dia em um, meio dia em outro e à noite eu ia estudar. Quer dizer que era sacrifício, fazia o curso de radio-telegrafista pra entrar no quartel. Que ele falou pra mim: "olha, você entrando nisso aí, você vai estar com o pé direito dentro disso. Logo, logo, você será uma autoridade. Como meu pai era Sargento, eu queria seguir carreira.
- O que acontecia, você tinha que mandar mensagem?
- Nosso comunicador, que é o Código Morse, nós que fazíamos a comunicação de um quartel ao outro.
- Que tipo de comunicação acontecia?
- Isso não se pode dizer, porque é segredo e não pode ser revelado. Um telegrafista não pode revelar a outro se não for do mesmo contingente, do mesmo batalhão.
- Ficou um ano aqui e foi transferido para Curitiba?
- Fiquei seis meses
- Como cabo?
- Radiotelegrafista é difícil ficar como cabo, fiquei como 3º sargento
- Até 65? A revolução foi em 64?
- Eu passei a revolução em Curitiba.
- E como foi em Curitiba?
- Foi um tumulto muito grande, eu achei que aquilo ali não foi uma revolução.
- Golpe militar ou não?
- Como a gente fazia antigamente tomar um quartel do outro, uma manobra. Eu principalmente...
- Teve muita gente presa?
- Eu acho que foi mais uma manobra militar, porque se você é brasileiro, brasileiro é muito pacífico. Brasileiro é uma mãe. Eu gosto de ver o Brasil por isso aí, o brasileiro é pacífico, não é uma pessoa bruta, mesquinha, não é que faz as coisas e quer esmagar.
- E o golpe teve apoio da população?
- Teve. Teve bastante apoio, os civis apoiaram bastante.
- Em Curitiba deu muito barulho?
- Deu bastante barulho mas logo acabou.
- Em 65 você veio pra cá?
- Eu vim porque abriu a Volkswagen, mas
- era dos Bordin. Eu cheguei e não tinha mecânico, aqui não tinha nada e eu fui trabalhar com os Bordin. Naquele tempo era posto de serviço. Depois passou a ser posto de serviço autorizado da Volks, aí passou a ser Paraguaçu de Automóveis. Dia 15 de junho de 65 eu cheguei e fui direto de 65 a 73, sai em dezembro de 73. Foi depois da Copa do mundo de 70. Aí eu montei uma autoelétrica pra mim e fiquei.
- Naquele época tinha Aerowillis?
- Naquele época só tinha carro velho. Sinca, Jeep 51, Ford. a Volks era importado, 67, 63, 68. Os carros mais modernos eram os da Ford.
- Aí foi 78 na Itaipu?
- 73 até 78 montei a Autoelétrica do Amigão, por intermédio de um amigo meu filho de um amigo de farda de meu pai. Aí ele insistiu e me levou para a Itaipu, éramos em 40 e poucos mil homens.
- Como era o relacionamento?
- A gente se considerava um irmão do outro. Sempre tem os ruins e os bons, no nosso setor era um irmão do outro. Éramos em seis mil homens. Eu mexia com painel eletrônico, descobria os segredos do equipamentos com problema, aprendi a mexer com hidráulica, mecânica. De 78 a 79, morava em casa alugada pela firma. Morava em vila separada, não na Vila A. Eles queriam mandar a gente para o Paraguai, como tinha filhos ficava muito contrariado, com ônibus. Porque os ônibus traziam as crianças, esposas. Eles sempre pagavam para mim.
- E diversão, lazer?
- Tinha tudo aqui, tinha área de lazer, campo de futebol, piscina. Meus amigos e filhos participavam, eu não bebo, não fumo, então eu não participava. Na folga, a gente trabalhava uma semana de dia e outra de noite e nas horas de folga podia ir lá. Tinha música. Cada vila tinha sua cancha, seu parque de diversão.
- Em 79 você saiu de lá?
- Dezembro de 79, vim trabalhar fora. Meu grande amigo Remidio me convidou pra fazer um serviço e como era um grande amigo eu fiquei com ele. Eu sou bom com quem é bom para mim, o ser humano tem que ajudar outro.
- Você é filho do famoso João Barulho, fale um pouco?
- Meu pai foi da Polícia Militar. Naquele época não existia a Polícia Civil. Ele não era o comandante, o subtenente Eduardo era do Comando. Tinha o Orlando, ele era ainda 3º sargento. Você que é filho de um grande amigo do meu pai, você sabe que o meu pai foi bom, o apelido dele era porque ele era brincalhão. Gostava de bagunça, para ele tudo era igual, criança, preto. O espírito brincalhão dele é igual ao meu. Se eu vejo que alguém vai me prejudicar, me afasto. Um dia eu disse para um rapaz que eu tinha orgulho da farda, porque essa farda me serviu de calçado, me deu comida. Eles falam que sou muito militar, mas eu me critei como militar, e pra mim tem que ser assim, porque hoje se você deixar a corda solta ...



Ney de Souza

Nina Moreira Andrion

"Comprava produtos alimentícios na Argentina, atravessava o rio com barco a remo e vendia aqui em Foz"

Nascida em Minas Gerais em 1911, Domingas Moreira Andrion, mais conhecida por Dona Nina, vive em Foz do Iguaçu desde 1953.

Casou em Minas com um aventureiro espanhol e, depois de muito perambular pelo Brasil em obras rodoviárias, a família se fixou em Foz do Iguaçu. É uma história de muito trabalho, dedicação e harmonia, aqui contada por Nina, aos 82 anos de idade.

(Juvêncio Mazzarollo)

- O que fazia a família de seus pais em Minas Gerais?

- Meu pai era arrendatário de um cafezal na Fazenda dos Barreiros, de propriedade dos Junqueira, o pessoal mais rico de Poços de Caldas.

- Havia lá oportunidade de estudar? Que estudo a senhora conseguiu ter?

- Estudei um pouco na escolinha do meio dos cafezais. Coitada da professora, dona Valentina! Ela tinha que fazer o almoço, então nessa hora deixava a aula para o aluno mais sabido.

- A senhora casou com Manoel Moreira Andrion, vindo da Espanha. Como isso aconteceu? Por que ele veio da Espanha para o Brasil?

- Ele veio ao Brasil aos 20 anos de idade. O pai dele morreu, a única irmã que tinha casou, então se aventurou pelo Brasil. Era pedreiro, talhava pedras para construções. Era um artista nisso. Um canteiro profissional. Não sei como foi parar em Poços de Caldas, mas lá nos conhecemos e casamos, eu com 17 anos e ele com 28. Continuamos morando lá mais alguns anos.

- E foram para onde? Vieram a Foz do Iguaçu?

- Não. Vieramos para cá só em 1953, embora meu marido quisesse vir bem antes. Ele veio conhecer e gostou muito do lugar. Voltou disposto a se mudar para cá. Eu não queria porque diziam que aqui as pessoas sofriam de feridas feias e incuráveis nas pernas.

Meu marido Manoel insistia em vir porque considerava este um lugar de futuro. "Pode ser a nossa felicidade", dizia. Enfim, viemos, quando já tínhamos o primeiro filho, Vanor Moreira Andrion, de apenas nove meses de vida.

- Saíram de Poços de Caldas e andaram por onde antes de se fixar em Foz do Iguaçu?

- Andamos por São Paulo, Rio Grande do Sul e outros Estados, trabalhando em construção de estradas. Íamos de um lado para outro, onde houvesse obras. O Manoel trabalhou, por exemplo, na construção da Estrada de Santos.

- Celebrizada numa música de Roberto Carlos... A senhora fazia o que nessas andanças, enquanto seu marido construía bueiros?

- Eu fazia comida e dava pensão à peonada. Cheguei a ter mais de 50 pessoas para alimentar e hospedar. Aliás, fiz isso também em Foz do Iguaçu, quando meu marido trabalhou no asfaltamento da Estrada das Cataratas e da BR 277. Quando a empresa Veloso Camargo terminou as obras e foi embora, um engenheiro veio pagar uma conta de um peão e me disse: "Dona Nina, nós nunca vamos esquecer de sua mesa".

- A família morava onde? No Parque Nacional?

- Moramos durante três ou quatro anos na chácara do Hindu, um indiano mesmo, vindo da Índia. Meu marido trabalhava nas construções do Parque Nacional e eu trabalhava na chácara. Rocava, plantava e

colhia de tudo. Depois que o Manoel deixou aquele trabalho viemos morar aqui onde estou até hoje, no bairro Boicy. Montamos um bar que tocamos por muitos anos. Eu mantive pensão durante anos e anos.

- Quando Manoel Moreira Andrion morreu?
- Morreu em 1988, aos 90 anos.

- Tiveram quantos filhos e onde estão?
- Tivemos nove filhos, sete homens e duas mulheres. Dois filhos morreram. Os outros estão por aí se virando na vida.

- Ficaram ricos?
- O Vanor, que Deus o ajude, sempre soube se virar...

- Que outras lembranças a senhora tem dos primeiros tempos de vida em Foz do Iguaçu, dos costumes e modo de vida?
- Eu estranhei muito quando viemos para cá. Era muito matão isto aqui, um lugar feio. Em Poços de Caldas não éramos ricos, mas estávamos bem. Havia mais civilização. Aí casei com um aventureiro que com 20 anos de idade teve a coragem de deixar a Europa e os parentes para se embrenhar no Brasil, um país do qual nada sabia. Veio sem saber o que poderia fazer, como sobreviver. E no Brasil continuou com a marca do aventureiro. Essa vida, comparada à que eu tinha na casa de meus pais, era precaríssima. Foi duro me

acostumar com o estilo de vida do meu marido. Nunca o vi bêbado, nunca me agrediu. Sempre vivemos em paz, trabalhando muito. E sempre fomos benquistos por todos.

- Além de manter pensão e fazer comida para tantos peões, o que mais a senhora fez em Foz do Iguaçu?

- Depois que saímos da chácara do Hindu compramos a chácara que hoje é do Salinet. Nessa época eu fazia comércio de produtos argentinos. Comprava os mais variados produtos alimentícios, que eram muito bons, e vendia em Foz do Iguaçu. Atravessava o rio de barco, eu mesma remando. Meu marido comprou uma chalana que depois acabou sendo roubada.

- Seu marido Manoel nunca mais voltou à Espanha?

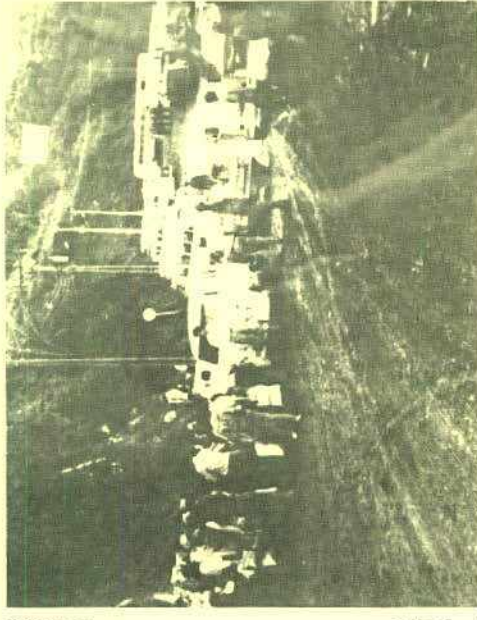
- Voltou uma vez, quando tinha 60 anos. O Vanor deu a ele a passagem. Viajaram o Manoel, o Vanor e a Alice. Eu tive que ficar porque não podíamos viajar todos.

- O velho deve ter ficado muito emocionado ao rever sua terra natal...

- Ficou muito emocionado e contente. Voltou reanimado, feliz da vida. Encontrou lá a única irmã que tinha e reviu a casa onde nasceu e viveu até os 20 anos, quando se aventurou pelo Brasil.

(Extrato da "Carta do Iguaçu" - Edição de 21/08/93)

Reprodução



Porto Meira, divisa com a Argentina na época de 70.

Retratos Foz do Iguaçu

Porto Meira
em 1982



Joel Petroski



Arquivo da família Galeano

Odilon Galeano

"Eu comprava as mercadorias na Argentina. Saía daqui do centro até lá, cruzava o rio, comprava a mercadoria e trazia no ombro"

O comerciante paraguaio Odilon Galeano nasceu em Hermandarias a 1/1/1915. Veio para Foz em 1949. Odilon é viúvo, foi casado com Leonarda Cândia Galeano, tem cinco filhos (Carlos, Domiciano, Luciana, Joana e Hugo), 11 netos e 13 bisnetos. Com problemas de saúde, a entrevista foi feita com ajuda de seu filho mais novo, Hugo, da qual transcrevemos os principais trechos.

(Zé Beto Maciel)

- Em que ano e o que fazia quando veio para Foz?

- Eu vim em fevereiro de 1949. Trabalhei inicialmente com o Mezzomo aquele que trabalha com bebida. Descarregava e trocava bebidas dos caminhões. Os camioneiros passavam em casa e me pegavam para descarregar as bebidas. Não tinha muita gente para fazer esse serviço na época. Eu trabalhei muito tempo com o Erminio Mezzomo.

- E depois?

- Trabalhei em comércio, esse comércio pequeno, mercearia. Trabalhei com o comércio formiguinha da Argentina. Eu comprava as mercadorias lá, principalmente farinha e óleo, e revendia para os colonos no Brasil. Trazia mercadoria no ombro. O barco ficava no Porto Meira. Saía daqui do centro até lá, cruzava o rio, comprava a mercadoria e trazia no ombro até a minha mercearia. Não tinha carro naquela época, não tinha nada de transporte. Era um trabalho árduo, mas tinha que ser feito.

- Conta-se que foi o primeiro a trazer um parque de diversões para cidade. Em que ano foi isso, que lembranças o sr. tem?

- Eu não me lembro bem o ano, eu trouxe um parque que tinha aqueles brinquedos de cavallinho. Tudo mundo vinha para dar uma volta no brinquedo. O Vitorio Basso, que era mocinho, tinha 15 anos, também brincava. Uma vez ele veio com uma turma de 15 rapazes e o parque já estava fechado. Eles reuniram 500 cruzeiros na época e nos pagaram para dar uma volta. Ele se divertiu muito com seus amigos.

Com o dinheiro pude levar os funcionários do parque para jantar.

- Também fazia viagens constantes para vender na região e passava pelos índios, pelas tribos. Como eram as viagens e o que vendia?

- Vendia de tudo. Era para obras, para o pessoal que trabalhava no interior. A princípio, eu não queria, mas um amigo me disse: vamos a Porto Índio, onde tem muito dinheiro. A primeira vez, peguei meu cavalo e carreguei 50 pares de sapato e vendi tudo. Na outra semana fui ansioso porque lá, na verdade, tinha muito dinheiro. Carreguei de novo meu cavalo. E o que meu amigo disse era verdade. Tudo que eu carregava conseguia vender. Tinha muito dinheiro rio acima. E depois comecei ir de carroça. Eu passava por todos os portos, Índio, Canoas, negociava por todos os portos do rio Paraná.

- Vendia e comercializava, já tinha comércio em Foz?

- Já tinha comércio em Foz, minha mulher cuidava do comércio enquanto eu viajava. Eu vendia a crédito, tinha muito crédito na praça, mas o pessoal pagava direitinho. Às vezes, alguns clientes queriam assinar um papel e eu me sentia ofendido. Não aceitava que assinassem papéis, a palavra valia muito mais. Só depois nos 60 e 70 que comecei anotar os fiados na caderneta. Ai já era outros tempos.

- Como seu comércio era abastecido em Foz?

- Tinha alguns amigos que me mandavam a mercadoria de outros

lugares, como Curitiba, Ponta Grossa, São Paulo. Os produtos alimentícios vinham da Argentina e um pouco era produzido pelos colonos de Foz. As frutas eu comprava do Bubiak e do Samek. Eles me vendia a fiado, melancia, banana, etc.

- O sr. lembra de seus amigos de sua época em Foz do Iguaçu.

- Não lembro, eles já morreram quase todos. Tinha um vizinho, um sargento militar, muito amigo meu. Ele ia comigo ao Paraguai e trazia mercadoria de Ponta Grossa. Tinha o Roberto Holler, o Erminio Mezzomo, Manêncio Martins, Felix Martins - hoje quase todos são nomes de rua.

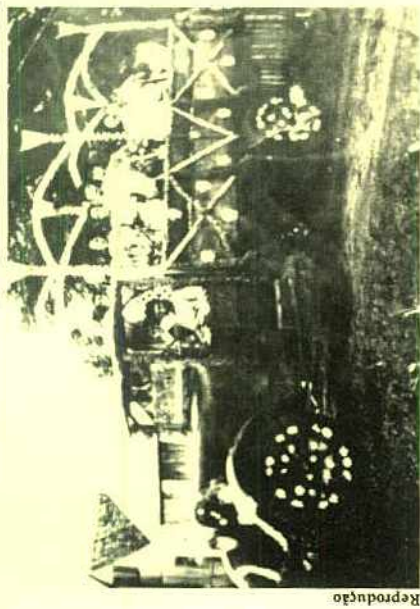
- Por que o sr. parou com seu comércio?

- Resolvi mudar de atividade, fiz algumas casas e passei a alugar. O comércio cresceu muito, dependia de muita mercadoria, tinha que comprar em grandes quantidades e não era o interessante para mim e aonde eu estava instalado. Fiz algumas casas e aluguei. Mesmo assim, trabalhava muito

- E o que o senhor faz agora, está com problema de saúde, fica em casa, assistindo televisão?

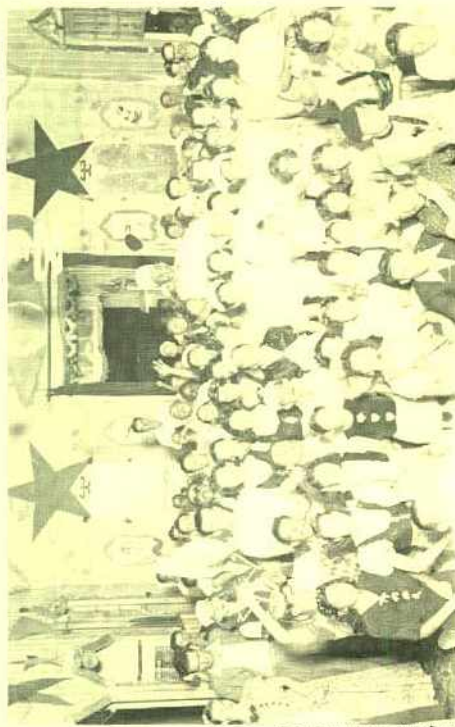
- Eu estou parado. Não faço nada, não ganho nada. Tenho sorte porque ganho muitos presentes, dinheiro, dos meus netos.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Reprodução

Corso. Carnaval nos anos 30.



Arquivo da Família Vera

Retratos

Foz do Iguaçu



Arquivo Família Maciel

Festa no bosque do Batalhão do Exército, na década de 50



Arquivo da Família Vera

Bloco no carnaval de 1938, no Oeste Paraná Clube.



Arquivo da Família Maciel

Ciclistas na parada de 7 de setembro de 54



Arquivo da Família Vera

Carnaval no Grêmio Olavo Bilac (atual Gresfi)



Áurea Cunha

Osvaldo Ferraz Damião

“Era difícil tocar uma ação na justiça porque os juízes vinham para cá só alguns meses por ano”.

Uma ilustre família foi plantada e construída em Foz do Iguaçu por Antônio Ferreira Damião Neto (1911-1993), mas ele silenciou e deixou sua história com os filhos. De onde veio, veio fazer o que e o que fez esse filho de migrantes portugueses? Seu filho Osvaldo Ferraz Damião, nascido em 1940, em Araçatuba, SP, responde a seguir.

(Juvêncio Mazzarollo)

- O que poderia lembrar de mais significativo na vida de seu pai, Antônio Ferreira Damião Neto, em São Paulo, antes de mudar para Foz do Iguaçu?

- Em São Paulo ele se formou em Direito, em 1934, e no mesmo ano casou em Minas Gerais com Maria Monteiro Ferraz, com quem teve sete filhos (Moacir, La Silvia, Silvia, Osvaldo, Beatriz, Milton e Marcelo). Em 1932, meu pai lutou na Revolução Constitucionalista - era soldado da Força Pública de São Paulo. Foi preso no fim do embate. Depois foi escrevente da Polícia Civil. Em Araçatuba advogou e foi colaborador do jornal “A Comarca”, fundado por seu pai e que ainda hoje circula. Foi também vereador lá. Em 1953 mudou-se com a família para Foz do Iguaçu.

- Que ventos o trouxeram para a fronteira?

- Ele era advogado de uma colonizadora, a Cacique, de São Paulo, que tinha uma gleba nesta região. Numa vistoria que veio fazer da área e sua documentação, conheceu Foz do Iguaçu, gostou e previu para esta região um grande futuro, por isso resolveu ficar. Dizia que Foz do Iguaçu “é uma fatalidade geográfica”, por seu potencial indestrutível de progresso: condição de fronteira com dois países, Cataratas, rios Iguaçu e Paraná, Parque Nacional, florestas e terras férteis.

- Seu pai tinha espírito desbravador?

- Sim, tanto que na década de 40 colonizou Bertioga, SP.

- Depois veio desbravar Foz do Iguaçu. Começou fazendo o quê?

- Montou escritório de advocacia e uma loja, nas proximidades de onde está o Banco do Brasil. Quem não é do ramo faz assim: Meu pai quis uma loja de produtos sofisticados e se pôs a vender radiolas, só que não havia eletricidade regular na cidade. Resultado: Um ano depois teve que fechar a loja. Passou então a só advogar, mas era difícil tocar uma ação na Justiça porque os juízes vinham para cá só alguns meses por ano.

- Seu pai foi um dos fundadores da Rádio Cultura, não?

- Sim. Entre 1954 e 55, junto com o major Ayclino de Castro e outras pessoas, participou da fundação da Rádio Cultura AM, da qual foi diretor comercial. Batalhou na compra e instalação dos equipamentos, na obtenção do prefixo, a concessão do governo. Ele também foi muito dado aos negócios, transações imobiliárias...

- De que mais Antônio Ferreira Damião foi fundador?

- Foi sócio-fundador do Country Clube, do qual era sócio benemérito número 1. Foi o primeiro presidente do Country. Participou ainda da fundação da Associação Comercial e Industrial, do Lios Clube, que também presidiu, e da Loja Maçônica. Idealizou e construiu os hotéis Camim, Alvorada e Panorama. Em 1975 se aposentou na advocacia e passou ao ramo imobiliário - loteou e urbanizou o bairro Jardim América, por exemplo. Em 1978 fundou o Colégio São Luís. Colaborou com o jornal “A Notícia”, de João Lobato Machado - enfim, foi um